



UFPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO-PGLE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO - MPLE

MARIA ROSINÉLIA DIAS DE SANTANA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA: AS
CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL**

João Pessoa
2015

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL

MARIA ROSINÉLIA DIAS DE SANTANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino – PGLE, Mestrado Profissional em Linguística e Ensino – MPLE – UFPB, como exigência parcial para conclusão de curso e obtenção do título de Mestre em Linguística e Ensino, sob a orientação da Prof.^a Dr^a. Sônia Maria Cândido da Silva.

João Pessoa
2015

S232p Santana, Maria Rosinélia Dias de.
O processo de aquisição da leitura na escola: as contribuições da literatura infantil / Maria Rosinélia Dias de Santana.- João Pessoa, 2015.
99f. : il.
Orientadora: Sônia Maria Cândido da Silva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Linguística e ensino. 3. Aquisição da leitura. 4. Literatura infantil. 5. Leitura - ensino e aprendizagem.

MARIA ROSINÉLIA DIAS DE SANTANA

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA: AS
CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e
Ensino – PGLE, Mestrado Profissional em Linguística e Ensino – MPLE –
UFPB, como exigência parcial para conclusão de curso e obtenção do título de
Mestre em Linguística e Ensino.

Habilitação: Linguística e Ensino

Aprovada em 29 de setembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Sônia Maria Cândido da Silva

Prof.^aDr.^a Sônia Maria Cândido da Silva

Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Laurenia Souto Sales

Prof.^a Dr.^a Laurenia Souto Sales

Examinador I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Prof.^a Dr.^a Luciane Alves Santos

Examinador II

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Dedico meu estudo à minha mãe, Maria Madalena Dias, e ao meu filho, Marcus Vinicius Dias Maranhão, que são as duas maiores razões da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba, ao corpo docente, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino-PGLE, nas pessoas do Professor Dr. Demerval e da Professora Drª. Juliene, por suas contribuições no decorrer do curso.

Agradeço à minha orientadora Profª Drª Sônia Maria Cândido da Silva pelo seu suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas orientações e incentivos para eu me apaixonar pelo meu trabalho.

Agradeço à minha avó, Josefa Marcolino Dias, pelo seu exemplo de vida e amor a família.

Agradeço à minha mãe, Maria Madalena Dias, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a meu filho Marcus Vinícius Dias Maranhão, por ser a razão de não desistir nunca.

Agradeço aos amigos do Curso de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, em especial às minhas amigas: Fátima Calógeras e Regina Fonseca pela sua amizade e dedicação.

Agradeço a minha amiga Elizabeth Silva, que esteve comigo desde o início da pesquisa me orientando nos momentos de dúvidas e muita preocupação.

“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições matérias, econômicas, sociais e políticas, culturais, ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam” (FREIRE, 1996, p. 60).

RESUMO

Objetivamos nesta pesquisa estudar o processo de aquisição da leitura, considerando as contribuições da Literatura Infantil brasileira. Como objeto de estudo, elegemos a Literatura Infantil por compreender que tal gênero literário encanta, e experiencia os fatos da vida cotidiana dos alunos leitores iniciantes, cuja faixa etária entre 06 a 07 anos, da Escola Municipal- Anexo Base Rural, Olinda-PE. Como aporte teórico, dialogamos com autores que trabalham com o processo da leitura com os gêneros textuais da Literatura Infantil, como Abramovich (1997), Coelho (2000), Lajolo (1982, 1984, 2002), Solé (1998), Zilberman (1985, 1987, 1990); em relação à teoria da Literatura Infantil, com Cademartori (1986), Frantz (2001), entre outros. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória, bibliográfica de natureza qualitativa. Em relação à coleta de dados, foram coletados a partir de atividades aplicadas numa sequência didática, com alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, considerados leitores iniciantes numa faixa etária entre 06 e 07 anos. Para análise dos dados, tomamos o entendimento de análise do conteúdo na perspectiva de Bardin (2011) para obtenção dos resultados alcançados no decorrer da sequência didática. Através da aplicação, conforme uma proposta de intervenção, ao analisar os dados constatamos que as estratégias de leitura, tomando como recurso a Literatura Infantil proporciona ao leitor um aprimoramento de sua criatividade, estimula a imaginação, a inteligência, as emoções entre outros sentimentos que no futuro o tornará um leitor crítico, apto a exercer sua cidadania, consciente da realidade social em que está inserido e das possibilidades de transformá-la. A pesquisa aponta que a Literatura Infantil contribui para o processo da aquisição da leitura, ao despertar, na criança, a curiosidade e a necessidade de ser um leitor, garantindo condições para que ela represente o mundo e a vida através das palavras.

Palavras-chave: Leitura. Literatura infantil. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

Our aim in this research study the process of reading acquisition, whereas the contributions of Children's Literature in Brazil. As an object of study, we chose the tale of Children's Literature to understand that such textual genre enchants, and experience the events of daily life of students as readers beginners, whose age range between 06 to 07 years, the Municipal School - Annex Rural Base, Olinda-PE. As the theoretical, are talking with authors who work with the process of reading with the textual genres of Children's literature, as Abramovich (1997), Coelho (2000), Lajolo (1982, 1984, 2002), Sole (1998), Zilberman (1985, 1987, 1990); in relation to the theory of Children's literature, with Cademartori (1986), Frantz (2001), among others. As for the methodology, it is an exploratory research, literature review of qualitative nature. In relation to the collection of data, were collected from activities implemented in a sequence didactics, with students from the 1ST Year of the Elementary School, which was considered readers beginners at an age between 06 and 07 years old. And for analysis of the data, we take the understanding of content analysis from the perspective of Bardin (2011) in order to obtain the results achieved in the course of the sequence didactics. Through the application, as a proposal for intervention, to analyze the data we can see that the strategies of reading, taking the feature tales of Children's Literature provides the reader an enhancement of their creativity, it stimulates the imagination, the intellect, the emotions among other feelings that in the future this will become a critical player, able to exercise their rights of citizenship, aware of the social reality in which it is inserted and the possibilities to transform it. The research points out that Children's Literature contributes to the process of the acquisition of reading, the awakening, the child, the curiosity and the need to be a player, ensuring conditions for it represents the world and life through words.

Keywords: Reading. Children's literature. Learning and teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura - 1. Obra: Menina bonita do laço de fita.....	41
Figura - 2. Atividade de interpretação e escrita	44
Figura - 3. Amostra da atividade respondida pelo aluno A (José)	45
Figura - 4. Obra: Marcelo, marmelo, martelo.....	45
Figura - 5. Atividade de leitura e escrita	48
Figura - 6. Amostra da atividade respondida pelo aluno B (Maria).....	48
Figura - 7. Obra: O amigo do rei.....	49
Figura - 8. Atividade de leitura e escrita	51
Figura - 9. Amostra da atividade respondida pelo aluno G (Diana)	52
Figura - 10. Obra: A galinha que criava um ratinho	52
Figura - 11. Atividade de leitura e escrita	54
Figura - 12. Amostra da atividade respondida pelo aluno C (João).....	55
Figura - 13. Obra: O casamento da Emília	56
Figura - 14. Atividade de leitura e escrita	58
Figura - 15. Amostra da atividade respondida pelo aluno D (Paulo)	58
Figura - 16. Obra: O Saci.....	59
Figura -17. Atividade de leitura e escrita	61
Figura - 18. Foto do Saci confeccionado pelos alunos	62

LISTA DE QUADROS

Quadro - 1. Resposta da primeira pergunta do Questionário com os alunos	65
Quadro - 2. Resposta da segunda pergunta do Questionário com os alunos	65
Quadro - 3. Resposta da terceira pergunta do Questionário com os alunos	67
Quadro - 4. Resposta da quarta pergunta do Questionário com os alunos	68
Quadro - 5. Resposta da quinta pergunta do Questionário com os alunos	68
Quadro - 6. Resposta da sexta pergunta do Questionário com os alunos	69
Quadro - 7. Resposta da sétima pergunta do Questionário com os alunos	70
Quadro - 8. Respostas da 1 ^a à 7 ^a pergunta do Questionário com a professora ...	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA	19
2.1 Concepções de Leitura na Escola	22
2.2 O Processo de Leitura: aspectos cognitivos.....	24
3 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL	27
3.1 A Literatura para Crianças: contexto histórico-social	27
3.2 O Surgimento e o Reflexo da Literatura Infantil no Brasil	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
4.1 Metodologia da Pesquisa para uma Pesquisa-Ação	35
4.2 Da Teoria para uma Prática: proposta de intervenção no campo de pesquisa	37
4.3 A Literatura Infantil e a Forma de Avaliação da Leitura das Obras	38
4.4 A Sequência Didática: orientações para os trabalhos de intervenção	39
4.4.1 Sequência Didática (I): Caminhos para leitura: Respeito às diferenças e às (des)igualdades sociais	40
4.4.1.1 Avaliação e resultado da SD (I).....	44
4.4.2 Sequência Didática (II): Incentivando a leitura: nomes próprios e comuns	45
4.4.2.1 Avaliação e resultado da SD (II).....	48
4.4.3 Sequência Didática (III): Lendo para compreender: a importância da amizade	49
4.4.3.1 Avaliação e resultado da SD (III).....	51
4.4.4 Sequência Didática (IV): Gosto pela leitura: imaginação e criatividade	52
4.4.4.1 Avaliação e resultado da SD (IV)	55
4.4.5 Sequência Didática (V): Lendo para interpretar: Leitura e escrita	55
4.4.5.1 Avaliação e resultado da proposta de leitura da SD (V)	58
4.4.6 Sequência Didática (VI): Monteiro Lobato: fantasia e encantamento.....	59
4.4.6.1 Avaliação e resultado da SD (VI)	63
5 ANALISANDO OS DADOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ORAL PARA OS ALUNOS

ANEXOS

ANEXO 1 - LIVROS QUE FORAM TRABALHADOS DURANTE A PESQUISA

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA RESPONDIDO

**ANEXO 3 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO A
(JOSÉ)**

**ANEXO 4 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO B
(MARIA)**

**ANEXO 5 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO C
(JOÃO)**

**ANEXO 6 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO D
(PAULO)**

**ANEXO 7 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO E
(MARCOS)**

**ANEXO 8 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO F
(JOANA)**

**ANEXO 9 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO G
(DIANA)**

**ANEXO 10 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO H
(MURILO)**

**ANEXO 11 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO I
(LUCAS)**

**ANEXO 12 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO J
(VANDO)**

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho tem a preocupação de estudar o Processo de Aquisição da Leitura na Escola, considerando as obras da Literatura Infantil Brasileira, - o Conto, a História Maravilhosa, como recurso para preparar os leitores iniciantes, a partir dos 6/7 anos. Nessa fase da aprendizagem leitora, espera-se que a criança já reconheça os signos, o alfabeto e a formação de sílabas simples. Nesse processo de aquisição da leitura, o ato de ler é, antes de tudo, um “objeto” de ensino, que se tem por base, atividades de leituras proficientes da palavra ao/do para o mundo. Tudo isso para o estabelecimento do ensino aprendizagem, uma vez que significa o envolvimento necessário das crianças, como sujeitos ativos dessa construção do saber na escola para a vida social.

É no contato com o mundo social que a Literatura Infantil entra na vida da criança pequena, bem antes da idade escolar, como função lúdica. Esse contato é iniciado desde o berço, nos acalantos, brincadeiras com as palavras, parlendas, histórias contadas e recontadas. Essa prática de leitura, quando feita na escola, tem como finalidade a formação de leitores competentes e continuamente a formação de cidadãos. Tal prática leva à produção de textos, tendo a base na prática de leitura, considerada um espaço de construção de leituras para o aluno aprendiz ler o mundo e ser sujeito social desse e assim essa leitura tem como finalidade a formação de leitores e escritores competentes para uma prática de leitura. (BRASIL, 1997).

A leitura, como o meio norteador da escrita, oferece subsídios de como escrever. Esse processo não trata de uma leitura de decodificação de letra por letra, palavra por palavra, mas da compreensão da informação e da experiência que está no texto, pela qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Nesse sentido, formar o leitor competente significa formar alguém que comprehenda o que lê, no entanto, acreditamos que esse objetivo só será alcançado se a escola, uma vez consciente do seu papel, intervir eficazmente durante o processo na construção desse leitor, oferecendo aos alunos propostas de leitura com textos da literatura que tem, acima de tudo, um caráter educativo, social, além do prazer de ler e viver com os fatos, eventos colocados nas histórias e contos, que esse gênero discursivo oferece.

Em meio a essas reflexões, percebemos que o processo de aquisição da leitura

na escola não é algo simples nem estático, pois, leitura, além de envolver aspectos cognitivos, é permeada de interações e enunciados. Então, ler e compreender um texto, não é uma atividade que a criança aprenda a fazer sozinha, ler um texto exige trabalho conjunto: aluno e/com o professor, autor, leitor e texto, para que, aos poucos, o leitor em iniciação possa ir se constituindo como um leitor independente competente para sua cidadania.

Nesse contexto, acreditamos que essa mesma literatura, desenvolve ainda, uma função humanista, pois, em diálogo com Cândido, o mesmo afirma que, para definir literatura, devemos levar em consideração não apenas seus aspectos estruturais, mas também suas funções. Funções estas que contribuem para própria formação do homem e de sua personalidade (CÂNDIDO, 1972). Ainda para esse autor, “A literatura satisfaz a uma necessidade universal que deve ser satisfeita, sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta e, portanto, acreditamos que pode nos humanizar (CÂNDIDO, 2004).

Considerando a hipótese de nossa pesquisa, acreditamos que essa função acolhedora da literatura poderá favorecer o conhecimento dos sujeitos do mundo, assim como despertar-lhes o desejo pela leitura, isto é, o desejo de ler o mundo e compreende-lo através do texto, aqui, através dos contos e histórias infantis. Para Cândido (2004), a literatura traz grandes benefícios aos indivíduos podendo transformá-los em indivíduos sociais, especialmente humanos.

E, ainda, partimos da ideia de que a linguagem humana é um fenômeno social de interação em diferentes contextos sócio históricos e ideológicos e de que a leitura é um trabalho de construção de sentidos. Visto assim em nossa pesquisa, trataremos de fundamentos relativos ao processo de aquisição da leitura na escola com as contribuições da Literatura Infantil.

Para tanto, dialogaremos com alguns autores, como Abramovich (1997), Coelho (2000), Freire (1989), Lajolo (1982, 1984, 2000), Moita Lopes (1996), Solé (1998) e Zilberman (1985, 1987 e 1990), entre outros que estejam nessa esteira de entendimento e contribuirão no sentido de conduzir as discussões, evidenciando a importância da leitura como atividade que instigue e possibilite a competência social de comunicação.

Seguindo tal ideologia, acreditamos que ensinar e aprender a ler são tarefas

complexas, mas que também são gratificantes e especialmente necessárias para que se possa estabelecer no ensino, uma aprendizagem inter-relacionada com as outras disciplinas e com o mundo social, tanto pela funcionalidade do conteúdo como pelo papel de sujeito protagonista de sua própria vida.

Nesse processo de ensinar leitura na escola, é preciso considerar o envolvimento que exige dos professores e dos alunos para que ocorra a aquisição dessa aprendizagem. Nesse contexto, podemos afirmar que a criança em fase inicial da leitura já reconhece os signos do alfabeto e a formação de sílabas simples sendo ainda necessária, nessa fase, a presença do adulto como “agente estimulador” (COELHO, 2000) para desenvolver no ato de leitura a compreensão e olhar crítico sobre o que se lê, ouve para entender a vida, o cotidiano em que está envolvido.

Assim, considera-se que a escola tem como função primordial o ensino da leitura e da escrita e o professor desempenha o papel fundamental dentro desse processo e deve ser o parceiro, mediador e articulador de muitas e diferentes leituras. O ato de ouvir e de ler histórias são formas de entradas em um mundo encantador, interessante e curioso que diverte e ensina. É nessa relação lúdica e prazerosa das crianças com a obra literária que se tem a grande possibilidade de formar o leitor. Para tanto, deve-se levar em consideração que grande parte das crianças tem o primeiro contato com a literatura quando chega à escola. É justamente nesse momento em que o professor poderá semear a paixão ou o terror pela literatura, de acordo com as estratégias por ele utilizadas.

Sabemos que o acesso às obras literárias, por si só, não garante condições de a criança ter um bom desenvolvimento do pensamento leitor. Para que haja êxito no processo de formação do leitor, o professor deverá ter clareza de sua metodologia com a Literatura Infantil em sala de aula, despertando questionamentos e promovendo a construção de novos significados.

Ressaltamos ainda que é na escola o tempo espaço em que precisa acontecer a sistematização dos saberes que os alunos trazem como conhecimento de mundo. Para isso, é preciso transformar esses conhecimentos em motivos que, de uma forma pedagógica, o professor precisa também selecionar as informações do aluno, na hora da discussão, diálogo à luz do conteúdo/tema do texto ali envolvido e construir sentido para o conhecimento no que diz respeito a aprendizagem da leitura.

É mister mencionar que a escola precisa também proporcionar momentos

prazerosos de leitura, introduzindo a família e a comunidade em que o aluno está inserido, potencializando a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Nesse processo de formação leitora, é necessário que as práticas do professor em sala de aula satisfaçam as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de aprendizagem.

Diante do exposto, tomamos como Objetivo Geral estudar o processo de aquisição da leitura, por alunos do 1º ano de uma Escola Municipal, considerando as contribuições da Literatura Infantil Brasileira. Partindo desse objetivo geral e definida a pesquisa a ser realizada, o presente estudo terá ainda como Objetivos Específicos: a) Estudar o processo de aquisição da leitura na escola com crianças entre 06 e 07 anos; b) Compreender as contribuições dadas pelos estudos da Literatura Infantil para o processo de leitura com as crianças de 06 a 07 anos; c) Apresentar uma proposta de intervenção, considerando uma prática de leitura subsidiada pelas histórias da Literatura Infantil; d) Analisar a proposta de intervenção considerando a prática de leitura de histórias para estabelecer a leitura em iniciação.

A partir dessa discussão, elegemos como questão norteadora: Como trabalhar a Literatura Infantil, com alunos leitores iniciantes, cuja faixa etária entre 06 a 07 anos? Partindo dessa questão central, eis a problemática: Como trabalhar leitura dessas crianças em estágio de iniciação? b) O que fazer na escola para que esses alunos se sintam convidados a se interessarem e tomarem gosto pela leitura? c) Quais textos poderão ser colocados como recursos para as práticas de leitura?

A proposta se justifica a partir de experiências vivenciadas em sala de aula, cujo tempo espaço permitiu observar que as crianças que têm aproximação com os textos da Literatura Infantil, especialmente as histórias e contos maravilhosos se apresentam, convidam esse pequeno leitor à aquisição da leitura, pois essas obras divertem, estimulam a imaginação, desenvolvem o raciocínio e permitem uma melhor compreensão do mundo. No entanto, para que as crianças tenham acesso a essa infinidade de conhecimentos, faz-se necessário que as crianças já tenham adquirido ou estejam nesse processo, que está intimamente ligado à educação escolar, para uma educação social.

Acreditamos que o uso das obras da Literatura Infantil poderá contribuir no processo de aquisição da leitura em linhas norteadoras, que podem e devem estar presentes no cotidiano escolar das crianças desde cedo. Lembramos também que, a

partir do momento em que a criança entra em contato com o universo literário (oral), já inicia o desenvolvimento das habilidades que a tornarão um leitor eficiente.

Tomando por base o exposto, a proposta de pesquisa foi dividida em 04capítulos: no primeiro, constará uma discussão sobre o Processo de Aquisição da Leitura na Escola; no segundo, discutiremos as contribuições dadas pelos estudos da Literatura Infantil para o processo da formação leitora de crianças de 06 a 07 anos; no terceiro, se fazem presente os procedimentos metodológicos e, no quarto, analisamos os dados da proposta de intervenção.

E quanto à metodologia adotada, elegemos o método de análise do conteúdo para análise e materialização dos dados encontrados. Nossa campo de pesquisa se delimitará em uma Escola Municipal – Anexo Base Rural, localizada na II Perimetral da cidade de Olinda-PE. Como instrumentos de coleta de dados utilizaremos Questionário (professora e alunos), observação participante e atividade escrita.

2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA

Partimos dos estudos de Solé (1998, p.22) que defende os objetivos da Leitura como sendo elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e a compreender. De acordo com essa autora, outra implicação que decorre da concepção de leitura, é que o leitor como sujeito ativo do processo constrói o significado do texto. E assim, o significado de um texto não está na tradução ou réplica do significado que o autor quis dar, mas, enquanto construção de sentido, envolve os conhecimentos prévios do leitor que, ao ler, precisa compreender o que está sendo posto no texto para interpretar as coisas do mundo.

Em Solé (1998, p.23), a leitura sempre envolverá a compreensão do texto escrito. Nesse sentido, defende-se que existe uma relação profunda entre leitura – segundo uma concepção interacionista - e escrita – produção de um dizer para ser lido. Nessa perspectiva interacional da leitura, a compreensão abrange tanto o escrito como o que está no contexto, mesmo de forma implícita a ele. Com isso, podemos considerar a leitura como um processo interativo a partir da interação entre os esquemas do leitor (saberes do mundo: conhecimentos prévio, de mundo e linguístico.), e o autor, ambos posicionados em um momento sócio-histórico, num relação de interação entre o leitor e o texto e interação entre o conhecimento de mundo do leitor e o seu conhecimento linguístico.

Com Moita Lopes (1996), o modelo de leitura deve contemplar, além das ideias acima defendidas por Solé (1998), uma visão interacional, não apenas do fluxo de informação, mas também do discurso situando a leitura como um ato comunicativo no qual os respectivos esquemas do escritor e do leitor sejam negociados na construção do sentido. Nessa perspectiva, a concepção de leitura interativa parte, dessa forma, do pressuposto de que: a leitura não é uma simples atividade de decodificação de itens linguísticos, mas um processo dinâmico de construção de sentido fundamentado na integração do conhecimento prévio que o leitor traz consigo como formas linguísticas presentes no texto. Nesse contexto, o leitor deixa de ser um mero receptor de mensagens e assume o papel de co-autor, já que a construção de sentidos na leitura ocorre na medida em que o leitor, para compreender a ideia do texto, deve desempenhar uma função ativa no processo, estabelecendo relações entre o seu conhecimento anterior e o conhecimento construído a partir da leitura.

De fato, para ler, precisamos compreender com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; além disso, precisamos nos abranger em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1998, p. 23).

Nesse sentido, essa mesma autora afirma, ainda, que a prática da leitura exige reflexão, planejamento e avaliação das atividades propostas, podendo tornar-se um processo versátil, pois pode ser alterado. A questão do ensino da leitura ao longo da escolaridade exige coerência, continuidade e progressão, pois sabemos que ensinar e aprender tem sua complexidade, mas, de acordo com Solé (1998), “Também são enormemente gratificantes tanto pela funcionalidade do conteúdo como pelo papel de protagonista e o envolvimento que exige dos responsáveis, professores e alunos para que ocorra a aquisição dessa aprendizagem” (SOLÉ, 1998, p. 19).

Segundo Coelho, é na fase de leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos) que a criança começa a apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda encontra-se no início do processo, o papel do adulto como “agente estimulador” é fundamental e faz-se ainda necessária, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas da escrita (COELHO, 2000, p. 35).

De acordo com Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

De acordo com a mesma Coelho (2000), os livros adequados nessa fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e

fraco, feio e bonito. As histórias engraçadas, ou que o bem vença o mal atraem muito o leitor nesta fase. Indiferentemente de se utilizarem textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano eles devem também “estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir”... (COELHO, 2000, p. 35).

Nesse contexto, lembra Cecília Meireles que “não se pode pensar numa infância começar logo com a gramática e retórica: Narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, com as de hoje” (MEIRELES, 1984, p. 55). Assim “mitos, fábulas, lendas, teogonia, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos e representações variadas” ocupam “no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil.” Ainda segundo essa autora, “quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leitura especializada, que as de hoje sem os contadores de história” (MEIRELES, 1984, p. 55).

Nesse sentido, Lobato,

Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor da leitura (LOBATO, 1964, p. 250).

Para esse autor, a Literatura Infantil teria que aguçar à imaginação dos leitores, e que aqueles dos quais tiveram ou tem na infância o contato com uma leitura prazerosa, estenderiam o “progresso auto educativo” para a fase adulta.

Nessa perspectiva, sabemos também que a literatura oral implica a dualidade do sujeito: de um lado, o autor/contador; e de outro, o leitor/ouvinte, logo os pressupostos teóricos levantados corroboram com o pensamento de que a utilização dos livros infantis no trabalho pedagógico, realizado dentro da sala de aula, é imprescindível para a aquisição da linguagem oral da criança. Entendemos que é importante, desde cedo, para a criança, o contato com os livros, pois o livro é uma fonte valiosa que propiciará ao universo infantil, através da fantasia e da imaginação, uma compreensão maior de si e do mundo a sua volta. Por isso, é tão relevante colocar a disposição da criança diversas leituras de maneira fascinante e prazerosa, construir o hábito da leitura, criando rotinas de rodas de leituras onde a criança possa criar e recontar a partir do que já se leu, possa manusear os livros de forma que sinta prazer, encantamento e familiaridade com os mesmos.

No ambiente escolar, o professor será o mediador, e o que planeja a leitura

para que o aluno aprenda fazer a intermediação e interaja com o texto, autor, assim como com seus colegas, e assim aprenda como desde cedo como funciona o mundo a partir de uma leitura. Por esse motivo, a Literatura Infantil, seja ela por meio dos contos de fadas, aventuras, fábulas, livros de imagens, gibis, lendas, mitos, histórias modernas para essa fase da infância devem fazer parte de sua rotina e levada a sério, escolhendo e planejando atividades adequadas e diferenciadas em sua prática pedagógica.

De fato, a Literatura Infantil constitui-se um recurso fundamental para a formação de novos leitores, além de educar, instruir e divertir, ela contribui valorosamente na construção de adultos pensantes e críticos. É pensando nessa contribuição que o educador infantil deve valorizar, na sua prática, o ato da instrução e também considerar o recurso da ludicidade em sala de aula para que haja possibilidade de o aluno, enquanto futuro adulto se constitua um “ser” leitor.

Nesse sentido, sabemos que quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros, e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela se tornar um adulto leitor. Da mesma forma, através da leitura, a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

Partindo desta visão da interação social e do diálogo, é que se pretende compreender a relevância da Literatura Infantil, como segundo afirma Coelho, “[...] sendo um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural” (COELHO, 2000, p. 17). Nessa direção, entendemos que a leitura é um processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Para Coelho (2000), a leitura, no sentido de compreensão do mundo é condição básica do ser humano. Assim, pode-se observar que a capacidade para aprender está ligada ao contexto pessoal do indivíduo. Nesse contexto, Lajolo (2002) afirma que cada leitor, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo, com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro.

2.1 Concepções de Leitura na Escola

Segundo Martins (1984), ler é “[...] um processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos” (MARTINS, 1984, p.31-34). Para

Resende (1985), “a leitura deve ser a mediadora entre o leitor e o mundo para que a partir dela ele possa redimensionar valores e vislumbrar novos horizontes para si e para sociedade” (RESENDE, 1985, p. 52). E Frantz (2001), afirma que a criança busca na leitura, antes de mais nada,

o prazer, mas busca também respostas para as inúmeras indagações sobre a vida e os seres humanos, a vivência de emoções novas e gratificantes e sugestões alternativas para as suas inquietações diante da vida que se descontina à sua frente (FRANTZ, 2001, p. 43).

Em consonância com esses autores entendemos que ler significa aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios. Nessa concepção, a leitura se torna algo indispensável para a formação do sujeito, pois desenvolve nele a conscientização individual e social, ampliando assim a sua capacidade de pensar, sentir e interagir. Sendo assim, a prática da leitura de Literatura Infantil deve fazer parte da formação dos alunos desde a Educação Infantil, contribuindo na construção da sensibilidade e da subjetividade das crianças.

Entendemos que introduzir a leitura da Literatura Infantil na Educação Infantil não é uma tarefa difícil, pois as crianças compartilham da mesma natureza da Literatura Infantil, ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras, e que essas afinidades fazem da literatura um grande aliado do professor e da criança, pela busca da compreensão do mundo e do ser humano (FRANTZ, 2001).

Vemos então, outro aspecto relevante nas práticas de leitura se refere ao ato de ler uma história para as crianças, pois não se pode fazê-lo de qualquer jeito. Antes de ler para elas, o livro precisa ser lido pelo professor. Para Abramovich (1997), o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração dos seus ouvintes, para que eles se sintam convidados a adentrar no universo literário.

Dessa forma o professor deve tentar fazer as crianças entrarem no mundo do texto, participando da leitura, a partir de atividades que os alunos tenham que perguntar, prever, recapitular para os colegas, opinar, resumir, comparar suas opiniões com relação ao que leram, tudo isso excita uma leitura inteligente e crítica, na qual o leitor vê a si mesmo como protagonista do processo de construção de significados (SOLÉ, 1998).

Nesse contexto, entendemos a importância de preparar a leitura com apresentações sobre o conteúdo, o título e o autor, envolver as crianças em perguntas

e discussões, estimulando a reconstrução oral, além de preparar um ambiente acolhedor, alegre e confortável. Frantz (2001), afirma também que:

Criar condições de leitura significa criar uma atmosfera agradável, um ambiente que convide à leitura na própria sala de aula ou mesmo fora dela. É também destinar tempo para ela na sala de aula, demonstrando assim que essa é uma atividade importante, fundamental e que merece também ocupar um espaço nobre (FRANTZ, 2005, p. 48).

Nessa direção, entendemos que no desenvolvimento do interesse das crianças pelas sobras de Literatura Infantil é importante incluir a leitura como rotina escolar, de modo que as crianças saibam onde se sentar, o que fazer, como se comportar e em que momento vai acontecer à leitura. Sendo assim cabe ao professor iniciar desde cedo um trabalho interessante desafiador e prazeroso com a Literatura Infantil de modo que as crianças despertem o gosto pela leitura.

2.2 O Processo de Leitura: aspectos cognitivos

A maioria dos modelos teóricos de aquisição de leitura divide-se em vários estágios que chamamos também de fases. Para Frith (1985), a aquisição e o desenvolvimento da leitura e da escrita é um processo interativo e passa por três fases que chamamos de: logográfica, alfabética e ortográfica. Segundo o autor na fase logográfica, a criança lê de maneira visual direta. Ela reconhece palavras familiares pertencentes ao seu vocabulário de visão. Toma como referência as características gráficas das palavras e não considera a ordem das letras. Portanto, o reconhecimento das palavras depende do contexto, das cores e formas do texto; o conhecimento fonológico tem um papel secundário nesta fase. Por exemplo, nessa fase a criança pode ler o rótulo Coca-Cola e se as vogais forem trocadas de lugar, mantendo-se o mesmo layout gráfico, ela poderá continuar lendo da mesma forma que antes.

Quando a criança chega na fase alfabética, começa adquirir conhecimento sobre o princípio alfabético, exigindo dela a consciência dos sons que compõem a fala; inicia-se nessa fase o processo de associação fonema-grafema, podendo decodificar palavras novas e escrever algumas palavras simples. Em um primeiro momento a criança aprende as regras mais simples (decodificação sequencial) e,

depois, as regras contextuais (decodificação hierárquica). A partir desse momento a criança consegue, por exemplo, ler “sapato” sem alterar a sonorização dos fonemas (fazendo sua real correspondência com os grafemas), porém pode alterar a sonorização do fonema /z/ na palavra “casa” devido à letra [s], e corrigir em seguida, dependendo de sua contextualização estando isolada ou dentro de um texto, associada por uma imagem ou não.

Partindo desse princípio no momento em que a criança consegue analisar as palavras em unidades ortográficas – grupos de letras e morfemas – sem realizar a conversão fonológica, podemos considerar que ela se encontra na fase ortográfica, pois estas unidades já estão armazenadas no léxico. Essa mesma criança realiza a leitura e a escrita de palavras, não somente regulares, mas também irregulares, de forma automática. Podemos afirmar que, nesse estágio, temos uma fusão da fase logográfica (reconhecimento instantâneo) com a fase alfabética (habilidade de análise sequencial).

É importante ressaltar que, dependendo do contexto de leitura e escrita que a criança estiver inserida, os estágios podem acontecer concomitantes e não apenas sequencialmente. Nesse contexto, acreditamos que esses estágios também podem sofrer a influência das diferenças individuais das crianças, que demonstram perfis de aprendizagem diferentes.

Segundo Santos e Navas (2002, p. 12), embora “[...] existissem elementos que todas as crianças precisam aprender para que se tornem leitores proficientes, elas podem tomar diferentes caminhos para alcançá-las”. Partindo desse princípio, podemos dizer que o processo da leitura é interpretado como um modelo de duplo processo que utiliza duas estratégias: a fonológica, desenvolvida no estágio alfabético; e a lexical, desenvolvida no estágio ortográfico.

Para tanto, ressaltamos que quando usamos a rota lexical praticamos a leitura (que pode induzir à escrita) de palavras familiares que ficaram registradas na memória ortográfica em decorrência de nossas experiências repetidas de leitura. Chamamos esta memória de léxico de input visual ou sistema de reconhecimento visual das palavras (ELLIS, 1995). Essa palavra ao ser lida e ser reconhecida pela rota lexical, entra em ação outro sistema – o semântico – que tem como finalidade de permitir a compreensão do significado da palavra. Com isso, sua pronúncia é efetivada (sistema de produção fonológica de palavras), finalizando a leitura. Se esta rota atende a leitura

das palavras conhecidas, a rota fonológica se destina à leitura de palavras desconhecidas ou pouco encontradas.

Mediante esse tipo de palavra, fazemos uma análise de sua sequência grafêmica, segmentando-a em unidades menores (grafemas e morfemas) e agregando aos seus respectivos sons (fonemas). Há uma conexão dos segmentos fonológicos para que, então, seja efetuada a pronúncia da palavra. Em seguida, o acesso ao sistema semântico é obtido pelo feedback acústico da pronúncia realizada em voz alta ou encobertamente. Dentro de um contexto de leitura, podemos encontrar a necessidade do uso das duas rotas de processamento, dependendo do tipo de palavra que encontramos.

É importante salientar que para as crianças em processo de alfabetização, sempre deverá haver o estímulo das duas rotas. Para isto, atividades devem ser desenvolvidas com o objetivo de promover o uso efetivo de ambos os processos tanto o fonológico, quanto o lexical. Entendemos que, quando encontramos crianças com dificuldades de leitura e escrita, possivelmente, uma dessas rotas pode estar prejudicada.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL

Segundo Coelho (1997), a Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre os quais cada Sociedade se fundamentou (e fundamenta) (COELHO, 1997, p. 24).

Em consonância com Coelho, entendemos que a Literatura Infantil tem uma linguagem peculiar sendo sempre um tema atual na educação, pois é considerada a base para a formação de cidadãos leitores. Dessa forma, tendo em vista a importância da Literatura para uma educação de qualidade, o presente capítulo apresenta uma investigação bibliográfica a respeito do contexto histórico e social. Faz-se o estudo em dois momentos: no primeiro, quanto à Literatura Infantil, enfatizando o contexto de seu surgimento e as mudanças de concepções; no segundo, enfatizando a origem da Literatura Infantil brasileira e sua evolução até a literatura contemporânea.

3.1 A Literatura para Crianças: contexto histórico-social

A Literatura Infantil teve sua origem na Europa, no entanto, segundo Cademartori (1986, p. 40), já existiam manuscritos destinados às crianças, “sob duas formas: a de literatura pedagógica, na cultura erudita, de que são exemplos os textos dos jesuítas, e a de literatura oral, de vertente popular, no vasto domínio dos contos de advertência com ditos e provérbios”.

O francês Charles Perrault é considerado o precursor da Literatura Infantil. No século XVII, Perrault coletou narrativas populares e lendas da Idade Média e adaptou-as, atribuindo-lhes valores comportamentais da classe burguesa, constituindo os chamados contos de fadas (CADEMARTORI, 1986). Nessa época, em que Perrault coletou seus contos aconteceram grandes transformações e

contradições sociais, momento após a Fronde¹, Movimento Popular de oposição ao governo Absolutista do reinado de Luís XIV. Essa época foi marcada também pelo conflito entre Reforma e Contra Reforma [sic] e pela ascensão da burguesia como classe social, fato determinante para a consolidação de instituições como a família e a escola.

Segundo Cademartori (1986, p. 38-39), “a criança na época era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Para autora, a criança era vista como um adulto em miniatura, sem condições especiais e sem uma preocupação específica com sua aprendizagem, a partir do fortalecimento da burguesia essas concepções começam a se modificar, e a criança passa, então, a ser considerada socialmente como um ser diferente do adulto.

A partir do fortalecimento da burguesia é que a criança passou a ser vista e considerada um ser com necessidades e características diferentes dos adultos e, principalmente, um ser que necessita de uma educação diferenciada para a vida adulta. Nessa época, Perrault coletava as narrativas populares e adaptava-as, tornando-as viáveis ao público infantil, acrescentando-lhes valores que correspondiam ao gosto da classe à qual era destinada, a burguesia. Essa coleta dos contos provinha de duas condições: o conto folclórico quando, na época, era destinado aos adultos e que, após a adaptação, eram direcionados ao público infantil; e ao caráter de advertência, em que os personagens que desobedecessem às regras estabelecidas tivessem uma punição (CADEMARTORI, 1986). A transformação da Literatura Popular em infantil, por Perrault, era regida de princípios normativos, com um modelo educativo que lhe foi definido e imposto, muito normativo e austero, delineados pela Contra reforma [sic], que eram basicamente a cristianização e valorização do pudor (CADEMARTORI, 1986). Suas obras também se caracterizavam por uma depreciação ao popular e as suas superstições e por uma preocupação em fazer uma arte com princípios morais.

Perrault inicia seu trabalho de adaptação, a partir do registro de contos e lendas populares e os contos também chegavam à sua família “através de contadores, quando, na época, integravam-se à vida doméstica como servos” (CADEMARTORI,

¹ A Fronda, ou as Frondas, (em francês: Fronde) foi uma série de guerras civis ocorridas na França entre 1648 e 1653.

1986, p. 36). O francês Charles Perrault editava as narrativas folclóricas, retirando as passagens obscenas de conteúdo incestuoso e de canibalismo.

Segundo Coelho (1998), no princípio, o trabalho de adaptação, por Perrault, não foi pensando com intenções de criar uma literatura destinada a criança. Apenas com a publicação dos *Contos da Mãe Gansa* (1697) é que Perrault se dedica inteiramente a uma literatura destinada à criança (COELHO, 1998). Esses contos continham: *A bela adormecida*, *Cinderela*, *Chapeuzinho vermelho*, *Barba azul*, *Henrique do topete*, *O gato de botas*, *As fadas*, *A gata borralheira*, *O pequeno polegar*, entre outros.

O surgimento da Literatura Infantil também está ligado aos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, quando, no século XIX, realizaram uma coleta de contos, na Alemanha, e os transformaram em Literatura Infantil (CADEMARTORI, 1986). Entre os mais conhecidos dos contos de Grimm, que circulam em tradução portuguesa, estão: *A bela Adormecida*, *Os músicos de Bremen*, *Os sete anões e a branca de neve*, *O chapeuzinho vermelho* e *A gata borralheira* (COELHO, 1998, p. 74). Outros nomes de grande importância na origem da Literatura Infantil são: o dinamarquês Hans Christian Andersen (*O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*); o italiano Collodi (*Pinóquio*); o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), e o escocês James Barrie (*Peter Pan*) (CADEMARTORI, 1986).

3.2 O Surgimento e o Reflexo da Literatura Infantil no Brasil

Com a chegada da Imprensa no Brasil, em 1908, começa-se a falar em Literatura Infantil. As obras publicadas, nessa época, eram traduções e adaptações das obras portuguesas. Até esse momento as crianças liam textos não literários escritos por pedagogos, com intenções didáticas e/ou moralizantes. Um dos primeiros autores da época a fazer adaptações conhecido pela inserção dos contos europeus no Brasil, é Alberto Figueiredo Pimentel, quem publicou traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como: *Contos da Carochinha*, *Histórias da Avozinha* e *Histórias da Baratinha* (CADEMARTORI, 1986).

Considerando que as obras adaptadas eram de origem Europeia, o primeiro registro de Literatura Infantil brasileira dá-se pelas mãos de Monteiro Lobato, em

1920, com a obra “*A Menina do Narizinho Arrebitado*” (CADEMARTORI, 1986). Por não se identificar com as traduções dos livros europeus e, por ser um nacionalista ardoroso, Lobato desenvolveu aventuras para nossas crianças com características típicas brasileiras, integrando costumes do campo e lendas do nosso folclore. *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* é um exemplo disso, pois destaca características da vida rural e da cultura brasileira.

As obras de Lobato também se caracterizam por uma forte ligação com as questões sociais de sua época. Devido à inconformidade com problemas de nossa sociedade, o autor desenvolve um olhar crítico e transparente da realidade de nosso país, transmitindo isso em suas obras, ao passo que [...] “escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional” (CADEMARTORI, 1986, p. 48). De acordo com autora, as obras infantis de Lobato antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e ignora o moralismo presente nas obras destinadas à criança, na época, tais como a moral oficial, os preceitos religiosos e as normas estatais. Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da Literatura Infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, deixando, espaço para a interlocução com o destinatário (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Lobato também adaptou contos de Perrault, dos Irmãos Grimm, de Andersen, e de outros autores tradicionais, mas as suas obras são as que ganham maior destaque. As principais e mais conhecidas são: *A menina do narizinho arrebitado*, *Reinações de Narizinho*, *Fábulas de Narizinho*, *Emília no país da gramática*, *Memórias de Emília*, *Jeca Tatuzinho*, entre tantas outras. A maioria das obras infantis de Lobato acontece no *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e possuem personagens consagrados como: Dona Benta, seus netos Pedrinho e Narizinho, Tia Nastácia, boneca Emília, Visconde de Sabugosa, o Porco Rabicó, o Rinoceronte Quindim, entre outros.

Consoante Cademartori (1986), diz que o conhecimento e a esperteza eram características principais de seus personagens, e a criatividade e a liberdade dos habitantes do local era responsável por fazer o sítio prosperar. Depois de Lobato, a produção de Literatura Infantil no Brasil ficou reprimida por um longo período e só a partir da década de 1970 é retomado esse gênero no país.

Considerando que o “analfabetismo” é um problema constante no Brasil, nesse período, houve a tentativa de erradicar com esse problema investindo na alfabetização de adultos, com o Moberal (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que não obteve resultados positivos. Segundo a autora, isso se justifica pelo crescente aumento da classe média, do consumo de livros e pela elevação do nível de escolaridade, ocasionado pela reforma do ensino. A continuidade da situação de subdesenvolvimento no Brasil mostrou que os problemas não se resolviam com o letramento dos adultos, nem com a facilidade de ingressar no Ensino Superior. Diante dessa situação, buscou-se uma nova alternativa: investir no ensino básico, valorizando o livro como instrumento indispensável para o desenvolvimento intelectual das crianças.

A partir de então, a Literatura Infantil passou a ser tema de estudos e seminários, e também surgiram os quadrinhos, produção gráfica destinada às crianças. No âmbito educacional, observam-se esforços dos diversos níveis de ensino, do básico à universidade, propondo a leitura como forma de promover recuperações no sistema de educação. A esse respeito, Cademartori (1986) argumenta que o reconhecimento das universidades, em relação aos problemas da Educação Básica fez suscitar instituições que reúnem pesquisadores acadêmicos voltados ao estudo da literatura e da Literatura Infantil. Assim, muitos fatores contribuem para a Literatura Infantil tornar-se assunto importante, em relação à educação brasileira. Conforme a mesma autora, a escola voltou-se para a Literatura Infantil com interesses imediatos, como o de expandir o domínio linguístico dos alunos e auxiliá-los a escrever melhor, desconsiderando, de certa forma, a função de reorganização das percepções do mundo.

Nas últimas décadas, a Literatura Infantil vem se constituindo de forma rica e diversificada em nosso país, com produções de boa qualidade para todas as faixas etárias e com vários enfoques. De acordo com Frantz (2001), a literatura dos últimos tempos possui algumas tendências que definem sua produção literária. Uma dessas tendências é o tradicional conto de fadas, mas atualizado, com características da nossa época, a exemplo de *Chapeuzinho vermelho*, de Patrícia Gwinner, cujo teor é a preocupação com a proteção dos animais. A *Fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida, é outro exemplo que mostra uma fada moderna e dotada de ideias revolucionárias. Outra tendência de nossa Literatura Infantil é a sua intenção em

despertar, no leitor, uma visão mais crítica da realidade, como se verifica em *O último broto*, de Rogério Borges, enfocando a destruição do meio ambiente, sem deixar de lado a fantasia, o humor e a poesia.

Visto assim,

Ao mesmo tempo em que a criança ri, sonha e se diverte com a literatura atual, esta também não se omite de convidá-la a olhar ao seu redor e refletir sobre o que está acontecendo, bem como fazia o precursor Lobato (FRANTZ, 2001, p. 71).

Dessa forma é que o humor se apresenta como um aspecto que se acentua na Produção Literária Brasileira, característica que encanta e diverte as crianças. De acordo com Frantz (2001), alguns autores (as) se destacam nessa tendência como: Sylvia Orthof e Ziraldo.

Quanto à literatura poética, que é responsável em despertar a sensibilidade e sentimentos no leitor, também é considerada, pela autora, como uma tendência desse gênero, tendo como exemplo, a obra “*Coração não toma sol*”, de Bartolomeu Campos Queirós. Frantz (2001) também cita a presença do nosso folclore, em que muitos autores se preocupam em trazer em suas obras as nossas raízes culturais, como ocorrem em “*A festa no céu*” (2005), de Ângela Lago, “*O Saci e o Curupira*”(1985), de Joel Rufino dos Santos.

Uma última tendência destacada por Frantz (2001) é a do texto (não verbal), o de imagem/ilustrações, cuja preocupação é contar uma história apenas com o uso de imagens, dando ao leitor, o poder de verbalizar, fazer esquemas cognitivos e imaginários para recuperar um conto escrito. Sendo assim, “Esse tipo de texto é um exercício de liberdade e de criatividade que desafia o leitor a observar, refletir, interpretar, criar e explorar [...]” (FRANTZ, 2001, p. 72), a partir de um texto já dito em outro tempo espaço, sendo compreendido a partir de um tempo espaço já aqui no contexto e vivências vividas pelo leitor em formação. A exemplo dessa tendência, temos “*Briga de uma nota só*” (1992), de Izomar Camargo Guilherme; “*O Erudito*”(1988), de Rogério Borges; “*A Bruxinha Atrapalhada*” (1982), de Eva Furnari. Segundo Cademartori (1986), existem obras que seguem essa tendência, mas que já acrescentam algumas palavras, sendo destinadas para a criança em processo de

“alfabetização²” tomemos como exemplo as obras; “*Chuva*” (1999), “*Dia e noite*” (2000), de Mary e Eliardo França.

Em geral, sabemos que a produção literária para os já “alfabetizados”, com certo domínio da leitura, é ampla e diversificada. Nela podemos citar e contar com autores como Sylvia Orthof, com suas obras “*A limpeza de Teresa*” (2000), “*Uxa, ora fada, ora bruxa*” (2000), “*Maria vai com as outras*” (2008), “*A vaca Mimosa e A Mosca Zenilda*” (2008). Nessa direção, Ruth Rocha também é referência com obras de grande sucesso direcionadas a esse público, como “*O que os olhos não vêem*” (2003), “*O Reizinho mandão*” (1997), “*O rei que não sabia de nada*” (2013). Ziraldo também é um dos autores que se enquadra nessa lista, com suas várias obras, das quais podemos citar “*O menino Maluquinho*” (2013), “*O menino mais bonito do mundo*” (1986), “*A bela borboleta*” (1986), entre outros.

Enquanto isso, temos, como poesia infantil, com destaque para as obras de Cecília de Meireles, Vinicius de Moraes, Roseana Murray, Elias José, Maria Dinorah, entre outros. Nessa tendência, há aspectos que precisam ser considerados e segundo Lajolo e Zilberman (1999),

O ponto de encontro entre o poeta e a criança, na poesia infantil contemporânea, ocorre pela tematização do cotidiano infantil ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer do recorte de realidade (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 148).

Como vimos, a produção contemporânea do gênero é abundante em nosso país, oferecendo ao nosso pequeno leitor um material rico e diversificado, que o convida a embarcar numa viagem lúdica, de fantasia e sonho, despertando-lhe o gosto pela leitura.

De fato, observamos que o histórico da história da Literatura Infantil no Brasil passou diversas fases, as quais, com suas singularidades contribuíram para um melhor entendimento do papel dessa Literatura na contemporaneidade, o que, para Coelho (2000), tem a

² Segundo Soares (2005), alfabetização é uma técnica específica e fundamental de aquisição do sistema de escrita, de domínio do código alfabético e ortográfico, de acordo com as convenções gramaticais da língua, possibilitando ao indivíduo autonomia para ler e escrever. Este processo é parte constituinte da prática da leitura e da escrita e sua especificidade não pode ser desprezada, devendo ser ensinada de forma sistemática, pois é uma porta de entrada, na aquisição da lectoescrita.

[...] intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão [...] mediante o mundo que o rodeia, objetivando tornar esse leitor consciente da realidade por que passa a sociedade, onde o mesmo deve atuar ativamente (COELHO, 2000, p. 151).

Nesse contexto entendemos que estimular um leitor a ser crítico e reflexivo a partir de uma obra literária é a finalidade da literatura infantil hoje, contribuindo dessa forma para ampliar sua visão de mundo. É importante ressaltar que mais do “que” se conta, nas histórias infantis, deve-se analisar o “como” se conta uma história. Garantindo a esse leitor uma visão de mundo indagadora, aberta para o que está em transformação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Metodologia da Pesquisa para uma Pesquisa-Ação

O trabalho se classifica como uma pesquisa exploratória e explicativa de natureza qualitativa. De acordo com Gil, uma “Pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados” (GIL, 2002, p. 17).

A população do nosso campo de pesquisa se delimitou com os atores da Escola Municipal - Anexo Base Rural, localizada na II Perimetral da cidade de Olinda-PE. Está situada numa comunidade carente e de base rural, onde, a maioria dos alunos, para chegar à escola, precisará pegar o ônibus escolar, pelo difícil acesso.

A escolha desse campo de pesquisa se deu pelo fato de estar situado na Zona Rural do município, e por não haver nessa escola um maior incentivo à leitura, o que estabelecerá nossa contribuição nesse estudo. Os sujeitos da pesquisa são 20 alunos entre 06 e 07 anos, do 1º Ano do Ensino Fundamental do turno da tarde da referida escola, entre eles 10 meninos e 10 meninas.

De acordo com a ficha de acompanhamento das hipóteses de escrita cedida pela professora da turma, contamos: 01 aluno no nível pré-sílábico utilizando desenho e/ou desenho; 07 alunos no nível pré-sílábico em início de fonetização; 03 alunos no nível silábico sem correspondência grafofônica; 08 alunos no nível silábico com correspondência grafofônica; e apenas 01 no nível silábico-alfabética.

Diante dos dados apresentados, percebemos que esses alunos estão em processo de iniciação da leitura. Para Coelho, é nessa faixa etária quando a criança começa a aprendizagem de leitura e precisa ser seduzida pelo mundo complexo e fascinante da linguagem escrita: além de um código a ser decifrado (COELHO, 2000, p. 201).

Quanto à amostragem, a pesquisa foi aplicada no 1º Ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da cidade de Olinda-PE, em toda uma turma. A seleção dessa turma se deu por acreditarmos que esses alunos se encontram em processo inicial de leitura e que estão no processo de aquisição da leitura.

Ainda dos sujeitos, atores e papéis da pesquisa com Intervenção, além dos alunos, foi ator da proposta para estudar o processo de aquisição da leitura na referida

escola a professora da turma do 1º ano do ensino fundamental do turno da tarde que se fez responder ao questionário a ela solicitado estando no apêndice.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados para o desenvolvimento do trabalho, utilizaremos os seguintes instrumentos: Questionário com perguntas e respostas abertas, Atividade escrita e Observação participante que, para Lage “[...] é uma técnica para o trabalho de campo que proporciona grande aproximação à realidade sociológica” (LAGE, 2009, p. 12). Nesse sentido, a pesquisa permite um contato mais próximo com realidade social dos sujeitos, o que para nossa pesquisa será de grande importância.

Para tanto, observamos os contatos desses alunos com as obras infantis; procurando identificar como o mundo literário é apresentado pela professora a esses alunos. Na análise dos dados coletados, durante a Pesquisa de Campo, utilizamos a análise do conteúdo, na perspectiva de Laurence Bardin, o autor entende análise do conteúdo como “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” [...] (BARDIN, 2011, p. 47), o que para nossa pesquisa se mostra como a forma que mais se aproxima dos nossos objetivos.

Segundo esse mesmo autor, a análise de conteúdo organiza-se em três polos: o primeiro seria a pré-análise que consiste na fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: (1) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (2) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (3) formulação das hipóteses e dos objetivos; e (4) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise (BARDIN, 2011).

O segundo polo, a exploração do material, que consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem continua) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de

compreender a significação exata da unidade de registro).

A exploração do material consiste numa etapa importante, porque possibilita a riqueza das interpretações e das inferências. Essa é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado), submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (BARDIN, 2011). E, por fim, foi analisado o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Essa última fase (polo) foi destinada ao tratamento dos resultados, quando ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais, é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2011, p. 121). Esse mesmo autor também afirma que a análise de conteúdo consiste em:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. ... A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2011, p. 38).

Mediante o exposto, entendemos que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. Como afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

4.2 Da Teoria para uma Prática: proposta de intervenção no campo de pesquisa

Quanto à pesquisa – a Proposta de Intervenção –, no primeiro momento, fizemos o Questionário, com a professora da turma do 1º Ano da referida escola. Aplicamos um questionário com 07 questões abertas (conforme consta nos Apêndices) permitindo ao professor responder o questionário sem interferência do pesquisador, encorajando-o a compartilhar seu ponto de vista, com o objetivo de conhecer as especificidades do trabalho do docente. E, nesse mesmo espaço tempo,

avaliar as atividades de leitura por ele proposta. Em seguida, aplicamos um questionário oral para os alunos (consta nos Apêndices), para avaliar seus interesses de leitura e se eles fazem uso dessa prática na escola e em casa com seus familiares.

Logo após o levantamento dessas primeiras informações coletadas, apresentamos as obras da Literatura Infantil brasileira aos alunos para, em conjunto, lermos e darmos início ao trabalho. É importante ressaltar que tais obras foram previamente selecionadas considerando sua importância e relevância no cenário nacional da Literatura Infantil do nosso país. Nesse sentido, elegemos três autores para trabalhamos com algumas das suas principais obras: 1) Ana Maria Machado, **Menina Bonita do Laço de Fita (1996)** e **A galinha que criava um ratinho (2004)**; 2) Monteiro Lobato, **O Saci (1921/2007)** e **O casamento da Emília, (1936/2003)**; e 3) Ruth Rocha, **Marcelo, marmelo, martelo (1976)** e **O amigo do rei (2009)**.

Essas obras foram trabalhadas no período de três meses, em cada mês duas dessas obras eram lidas. Durante essa coleta de dados, foram desenvolvidas atividades com intuito de identificar o processo de leitura em que os alunos se encontram, para que, no final do terceiro mês, percebermos alguma mudança referente ao processo de aquisição de leitura dos alunos.

4.3 A Literatura Infantil e a Forma de Avaliação da Leitura das Obras

Estimulando a magia da literatura na fase de leitor iniciante. Com a leitura de livros de literatura infantil, o educando tem a oportunidade de contextualizar os significados das palavras através do pensamento e da ação, pois, segundo Abramovich (1997), os primeiros contatos com o caminho do conhecimento devem ser repletos de sonhos encantados, fantasias, prazer, brincando com as palavras para que a criança descubra o mundo científico, através da reestruturação do pensamento com relação ao pensamento real e o imaginário.

Assim sendo ao utilizarmos a literatura infantil, devemos nesse processo de avaliação levar em consideração que a criança deve ter a oportunidade de descobrir na leitura de textos infantis, a imaginação, a magia, as fantasias, que são pertinentes aos textos criados para elas, proporcionando constantemente, a integração entre o que ela é capaz de criar ou incorporar através das histórias ao seu processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a literatura infantil deve ser bem aproveitada enquanto recurso para o processo ensino-aprendizagem, não somente recursos didáticos e pedagógicos, mas sim, para a construção e transformação de nossa imagem social, como seres sociais, culturais, históricos e afetivos, com capacidade de formular hipóteses, recriar conhecimentos, rever nossa postura enquanto seres atuantes e sujeitos na sociedade, enfim, de nos transformarmos em pessoas mais abertas e capazes, tanto no cognitivo quanto afetivo.

Portanto, compete a nós no momento avaliativo, repensar o uso que se faz da literatura infantil na sala de aula, para que ela não se torne simplesmente mais um recurso para o ensinar a aprender, mas sim, para o lúdico, a fascinação, a magia que o livro infantil exercerá na vida dessa criança. Então estaremos conseguindo produzir nessa criança o gosto pela leitura, e não a obrigação de ler, ato que não gera prazer e não produzirá nenhum sentido ao leitor.

4.4 A Sequência Didática: orientações para os trabalhos de intervenção

Apresentaremos a seguir uma Sequência Didática (doravante SD), de minha autoria conforme o Modelo faço uso em sala de aula. Tal escolha se deu pela praticidade de planejar atividades para uma turma de crianças pequenas com texto, o que requer, dinâmicas lúdicas para introduzir as obras; atividades motivadoras de leitura e discussão de temas que trazem uma problemática do mundo para sala de aula para que as crianças aprendam lidar com as situações com um saber orientado para uma cidadania plena.

A SD foi desenvolvida para aplicação de 06 aulas com duração de 4h/ano período de 1º de abril a 30 de junho de 2015, considerando duas aulas para cada mês, com o objetivo de estudar o processo de aquisição da leitura, por alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal – Anexo Base Rural. Nesse período de três meses, pudemos observar cada intervenção mudanças significativas nesse processo de aquisição da leitura com as contribuições da Literatura Infantil Brasileira.

Em nossa coleta de dados, utilizamos primeiramente uma Sequência Didática, a qual está dividida em três momentos: a) Dinâmica, leitura e atividades (interpretação oral e escrita).

Considerando o tempo previsto para a Proposta de Intervenção, seguindo o tempo espaço da SD, aplicamos um Questionário (conforme consta no Apêndice), com a professora e com os alunos, com o objetivo de conhecer e, ao mesmo tempo, observar o uso do conhecimento prévio dos alunos, acerca do conteúdo de cada uma pergunta para analisar suas respostas por eles reveladas.

Essa coleta de dados a princípio serviu como parâmetro entre o discurso do professor e a realidade dos alunos mediante suas respostas. É importante salientar que esse Questionário a eles apresentados foi de suma importância no momento da análise. Nesse sentido, apoiamo-nos em Freire (1989, p. 9), quando nos mostra que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, com essa afirmação, Freire nos revela que é preciso começar a ler a palavra sem antes aprender a ler o mundo. Em consonância com Freire, para Zilberman (1987, p.107) as pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. Dessa forma, segue abaixo a referida Sequência Didática.

4.4.1 Sequência Didática (I): Caminhos para leitura: Respeito às diferenças e às (des)igualdades sociais

1ª Aula - 01/04/2015 com duração de 4h

Tema – As diferenças

Objetivos: a) Perceber-se e perceber o outro como diferente; b) Respeitar as diferenças; e c) Levar a criança a perceber, que suas heranças, desde seu cabelo até a cor de sua pele, as quais são herdadas de seus familiares.

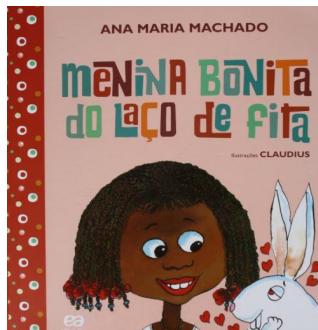
Conteúdos: Identidade; afetividade; família; diversidade étnica e cultural.

Ano: 1º Ano

Material Necessário: A obra - Menina bonita do laço de fita; Papel ofício A4 branco; Lápis grafite.

Desenvolvimento: Para esta etapa, adotamos a obra **Menina bonita do laço de fita** (Ana Maria Machado, 1996).

Figura: 1- Obra - Menina bonita do laço de fita



Fonte: Cucadegentemiuda.files.wordpress.com

1º Momento (Dinâmica)

Começamos com a dinâmica “Das diferenças”, que tem como objetivo mostrar que todos que escutam as coisas do mundo de forma igual, mas não compreendem igualmente. Para iniciar essa dinâmica, distribuimos folhas de Papel Ofício A4 em branco e lápis grafite para os alunos. Conduzimos a dinâmica pedindo que, ao dar um sinal, todos desenhem o que se pede sem tirar a caneta do papel. Pedimos que só iniciassem quando déssemos sinal. Solicitamos aindaque desenhassem um rosto com olhos e nariz, e, em seguida, pedimos que desenhassem uma boca com dentes. Continuando o desenho fazendo um pescoço e um tronco. É importante resaltar que lembramos aos alunos que não se podia tirar o lápis do papel.

Dando sequência à dinâmica, pedimos que todos parassem de desenhar e mostrassem seus desenhos. Nesse momento, chamamos atenção para que cada um observasse que cada desenho é diferente um do outro. Esclarecemos aos alunos que não há nenhum desenho, figura ali representada, igual ao outro, portanto, todos perceberam a mesma situação de diversas maneiras, que somosmultifacetados, pertecemos a diferentesgrupos étnicos, raciais e sociais e que cada um deve ser respeitado em sua diferença. Lembramos que nesse esclarecimento respeitamos a faixa etária dos alunos, utilizando uma linguagem mais próxima de seu entendimento.

2º Momento (Leitura da obra)

Ao término da Dinâmica, fizemos a leitura da obra em fococom algumas pausas no decorrer da história,instigando os alunos a pensarem a respeitode como as

pessoas podem ser diferentes, pertencerem a diferentes grupos étnicos, raciais e sociais, mas, mesmo em suas diferenças, devem ser respeitados/as. Nesse momento, fomos lendo o livro para os alunos, agora parando em cada página, mostrando as imagens e destacando as palavras e expressões que valorizam a menina, que a retratam como bela:

"Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva" (MACHADO, 1996, p. 3).

Os adjetivos e comparações usados pela autora vão além de aguçar a imaginação infantil (olhos, iguais a duas azeitonas daquelas bem brilhantes; cabelos, como os fiapos da noite; pele, como pelo da pantera negra, quando pula na chuva). Tais adjetivações evocam uma imagem positiva da menina, isto é, uma situação poética para mostrar a natureza dessa raça negra, valorizando nela aspectos como cabelo e cor de pele, que normalmente são "maquiados de forma invertida ou pervertida", escondidos, quando a personagem é negra. Tal beleza natural da menina ganha enfeites que reforçam seu encanto, dando a ela ares de personagem de contos de fadas, pois: "Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar". Esses dois trechos da obra contribuem para que, ao imaginário infantil a menina seja apresentada como uma bela **princesa de contos de fadas**, o que é extremamente positivo para elevar a auto-estima da criança, que se identificará com a menina.

Percebemos que, em sua maioria, ao final da leitura, estavam encantados com o desfecho da história que a autora em sua obra consegue retratar de forma tão infantil, lúdica, poetica, natural ao falar das diferenças.

Dando sequência à SD, proporcionamos um momento de deleite, quando fizemos uma roda de conversa com todos, de forma que, sentados no chão, discutimos mais um pouco sobre as diferenças sociais existentes em nosso meio, tomando como ponto um dizer enunciativo da obra: "O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: - Ah, quando eu casar, quero ter uma filhinha pretinha e linda que nem ela." Questionamos: O que é ser bonito? Como uma pessoa deve ser para ser bonita?

Surgiram respostas diferentes umas das outras. Retomamos o que foi abordado durante a dinâmica e mostramos a partir desses questionamentos as crianças que nem sempre temos a mesma opinião sobre um assunto e que isso é muito bom, pois o mundo seria muito aborrecido se todos pensassem do mesmo jeito e se, por exemplo, só existisse um único modelo de beleza. No final da roda de conversa os alunos perceberam que o importante é respeitar as diferenças, independente de sua raça, cor ou etnia.

3º Momento (Atividade escrita)

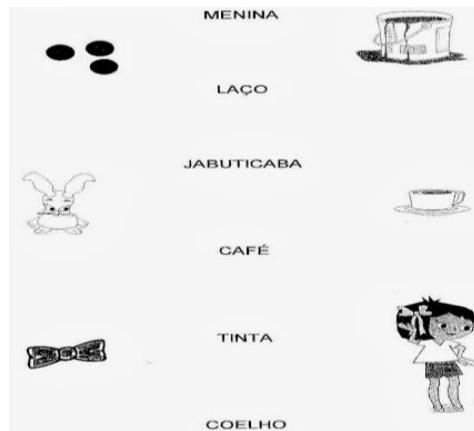
Após lermos a obra para os alunos, realizamos uma Atividade Escrita, conforme consta nos Apêndices, impressa no papel ofício A4, com o objetivo de mostrar a compreensão dos fatos apresentados no texto, assim como fazer a interpretação ao associar leitura à escrita. Nessa atividade, buscamos trabalhar com alguns personagens – sujeitos sociais ali representados -, ou objetos/coisas relacionadas às questões ali discutidas, por exemplo: menina, laço, jaboticaba, café, tinta e coelho. Nessa atividade, pedimos que os alunos lessem as palavras motivadoras e representativas às questões do texto, relacionadas à temática e à problemática apostada na obra. Dessa forma, incentivamos e mostramos que a leitura vem de um registro escrito, de um registro multimodalizado com a imagem, isto é, parte de um texto, um livro, uma obra etc.

Para a atividade escrita, a partir da leitura e contação da história da obra em foco, tomou-se como objetivo também mostrar que a leitura vem de um registro escrito e que a leitura também pode ser realizada a partir de uma imagem e ainda procuramos mostrar que o produto da leitura é feito através de uma leitura.

Para atender esse objetivo, aqui exemplificaremos uma atividade aos alunos, com o objetivo de a partir das imagens relacionadas ao texto os alunos fizessem a leitura do registro escrito. Para tanto, seguimos tal estratégia: numa folha de papel A4 desenhamos algumas imagens relacionadas ao texto Menina bonita do laço de fita do lado direito da folha, outras do lado esquerdo e no meio da folha escrevemos o nome de cada imagem de forma sequenciada. Em seguida, pedimos que fizessem a leitura das imagens procurando ler a imagem para ligar a sua escrita correspondente.

1ª Atividade escrita

Figura 2 - Atividade de interpretação escrita



Fonte: Elaborada a partir do site: biancas.com/atividades

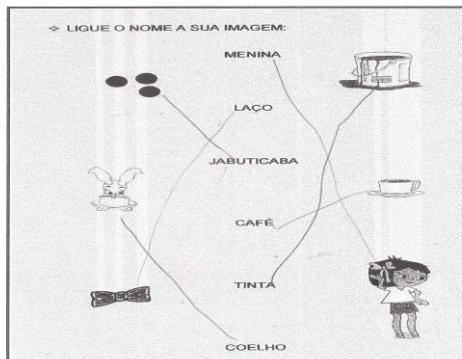
4.4.1.1 Avaliação e resultado da SD (I)

Partindo da atividade escrita realizada, avaliamos o progresso na leitura a partir da leitura de imagens, como resultado nesse do processo de iniciação a leitura. Buscando o envolvimento e a participação dos sujeitos da pesquisa, os alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental da escola campo escolhida. Buscamos também avaliar como resultado através da observação no decorrer da leitura se os alunos compreenderam a sequência dos fatos ocorridos com o personagem da Menina bonita do laço de fita, valorizando as diferenças tomando como subsídio o texto da Literatura Infantil.

Compreendemos como resultado, que a leitura da obra proporcionou reflexão dos alunos com relação a diversidade entre eles e uma aprendizagem significativa.

A seguir, apresentaremos uma amostra da atividade mencionada respondida pelo aluno:

Figura 3 - Amostra da atividade respondida pelo aluno A (José):



4.4.2 Sequência Didática (II): Incentivando a leitura: nomes próprios e comuns

2ª Aula - 16/04/2015, com duração de 4h

Tema–Nome das coisas

Objetivos: a) Identificar as palavras que dão nomes às coisas; b) Reconhecer nome próprio e comum; e c) Utilizar letras iniciais maiúsculas e minúsculas.

Conteúdo: a) Substantivos próprio e comum (conteúdo curricular).

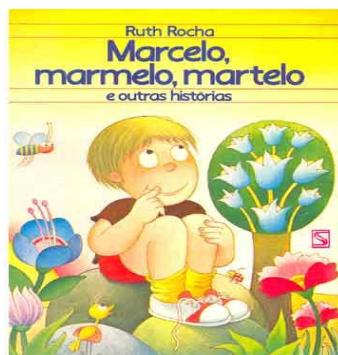
Ano: 1º ano

Material Necessário: a) A obra Marcelo, marmelo, martelo; b) Papel oficial A4 branco; c) Lápis grafite; d) Quadro e caneta Piloto.

Desenvolvimento:

Elegemos a obra **Marcelo, marmelo, martelo** (Ruth Rocha, 1976).

Figura 4 - Obra Marcelo, marmelo, martelo.



Fonte: <http://produtomercadolivre.com.br/Ruth-rocha-marcelo-marmelo-martelo>

1º Momento (Dinâmica)

Neste momento espaço da Sequência Didática (SD), tomamos como objetivo, a partir dessa dinâmica, mostrar aos alunos que tudo que tocamos, vemos tem um nome. Para tal, organizamos uma estratégia dinâmica para adentrarmos no tema da obra: Marcelo, marmelo, martelo.

Seguindo com a mesma SD,aqui adotada, iniciamos com a dinâmica **Jogo de caça aos nomes** que tem o objetivo de levar a criança a perceber que tudo que ela ver ou toca tem um nome. Para essa dinâmica, utilizamos Papel Ofício A4branco e lápis grafite. Quanto à dinâmica, dividimos a turma em grupos e entregamos uma folha de papel ofício e lápis grafite. Marcamos um tempo de 30min e pedimos que cada grupo procurasse pela escola palavras que dão nomes as coisas que estão compondo o prédio. Antes de sairem da sala, fizemos um levantamento com a turma dos nomes das: coisas, objetos, pessoas e lugares.

Depois, que o grupo retornou para a sala de aula, fizemos no quadro uma lista com os nomes pesquisados pelos grupos. Quando o grupo apresentava palavras repetidas, eram escritas somente uma vez. Aproveitamos o momento para analisar com os grupos se todas as palavras podem dar nomes a coisas, objetos e pessoas. Dessa forma, fizemos os alunos perceberem que todas as coisas, objetos e pessoas tem um nome.

A partir dessa lista de palavras, junto com os alunos, selecionamos os substantivos próprios e os substantivos comuns. Logo, em seguida, em voz alta, fizemos a leitura dos nomes de todas as palavras que estavam escritas no quadro. Essa dinâmica também teve como objetivo fazer perceber que os nomes próprios iniciam com letra maiúscula, enquanto os nomes comuns iniciam com letra minúscula.

Acreditamos que essa dinâmica levou cada aluno a ler o nome de algum objeto, de alguma coisa ou de algum lugar, dessa forma, incentivando a leitura pela escrita.

2º Momento (Leitura da obra)

Neste momento espaço da SD, tomamos como objetivo fazer a leitura da obra *Marcelo, marmelo, martelo*, e,antes de darmos início à leitura, apresentamos duas fichas com as palavras *Marcelo* e *martelo* escritas dessa forma e perguntamos aos alunos que diferença há entre elas. Como já tínhamos trabalhado nomes próprios e comuns, no momento da dinâmica, as crianças logo perceberam e responderam que

Marcelo é um nome próprio, e, por isso, inicia com letra maiúscula, enquanto martelo é um nome comum e tem início com letra minúscula.

Passado esse momento de introdução à leitura, fizemos um círculo com os alunos, colocamos algumas almofadas e sentamos de forma bem aconchegante. Antes de começar a leitura, propriamente dita, todos estavam muito ansiosos querendo saber qual seria a história que iríamos, ler, através da contação da história. Ficou nítido que naquele momento foi de euforia, pois os olhos das crianças brilhavam de ansiedade para conhecer o texto.

Para iniciarmos a leitura, revelamos a princípio o nome da história que se chama: Marcelo, marmelo, martelo. Tratava-se de um menino que queria mudar o nome das coisas. No decorrer da leitura, demos algumas pausas para que os alunos interagissem e comentassem sobre o texto. Ao finalizar a leitura/contação da história, fizemos uma interpretação oral e coletiva, procurando essa situação na vida real. Depois procuramos discutir acerca dos personagens da obra: *Marcelo, marmelo, martelo*, suas ações, o problema de Marcelo e como foi resolvido. Em sequência tomamos um ponto para reflexão, a partir da seguinte indagação: E vocês, gostariam de mudar o seu nome? Ou nomear ou mudar o nome de alguma coisa no mundo? Por quê?

Sabemos que esse momento de deleite/reflexão e interação com os coleguinhas, com texto, com as coisas do mundo constantes na história ali contada. É de suma importância nesse processo de aquisição da leitura que,

[...] a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1997 p. 16).

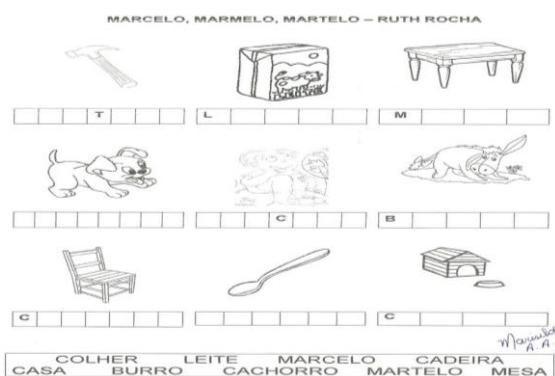
3º Momento (Atividade escrita)

Neste momento espaço da SD, tomamos como objetivo nessa atividade escrita levar a criança a relembrar e reler algumas palavras retiradas do texto, reescrevendo-as em seguida. Para tal, organizamos uma proposta de atividade escrita, com a preocupação de atingir o entendimento da temática da obra ali discutida. Com finalidade de continuar incentivando a leitura, através da escrita, do registro escrita multimodalizado à imagem, visto tratar-se de texto para as crianças. Para atender esse objetivo apresentamos aos alunos a seguinte atividade, conforme

apresentamos abaixo:

2ª Atividade escrita

Figura 5 - Atividade de leitura e escrita

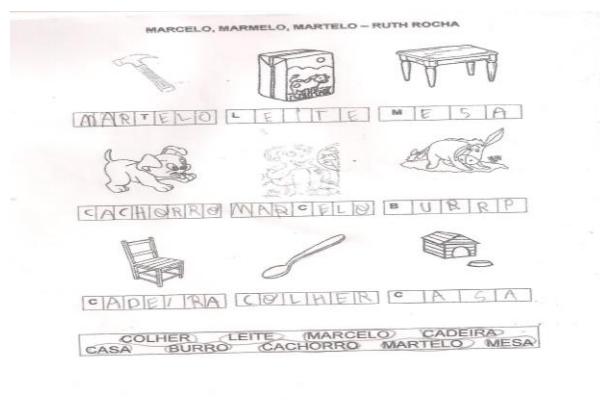


Fonte:<http://www.lendonabibliotecadoarmelinda.blogspot.com>

4.4.2.1 Avaliação e resultado da SD (II)

A avaliação foi realizada em todos os momentos propostos, desde o momento da dinâmica, passando pela leitura da obra concretizando-se na realização da atividade escrita, por meio dos registros individuais da atividade escrita de cada aluno. E como resultado da leitura da obra Marcelo, marmelo, martelo observamos que houve a compreensão do grupo sobre a história da escrita dos nomes e a importância da comunicação entre os seres humanos. Partindo da atividade escrita realizada, avaliamos o progresso na leitura a partir da escrita, como resultado nesse do processo de iniciação a leitura. Segue abaixo atividade escrita, respondida por um aluno:

Figura 6 - Amostra da atividade respondida pelo aluno B (Maria)



4.4.3 Sequência Didática (III): Lendo para compreender: a importância da amizade

3ª Aula – 05/05/2015 com duração de 4h

Tema – Amizade

Objetivos: a) Reconhecer a importância da amizade; b) Aprender a trabalhar em grupo; c) saber dividir e respeitar o jeito de cada um.

Conteúdo: Valor da amizade (conteúdo temático da obra em estudo pelos alunos).

Ano: 1º Ano

Material Necessário: A obra O amigo do rei; Papel ofício A4; Lápis grafite e Lápis colorido.

Desenvolvimento: Elegemos a obra - **O amigo do rei** (RUTH ROCHA, 2009)

Figura 7 - Obra: O amigo do rei



Fonte: <http://produtomercadolivre.com.br/Ruth-rocha-o-amigo-do-rei>

1º Momento (Dinâmica)

Para dar inicio à dinâmica,fizemos apresentação da obra, em seguida apresentamos a temática que deu mote para discussão e atividades, em seguida leitura da obra em foco para essa SD, cuja temática:PreconceitoRacial para introduzir a aula com uma dinâmica “Troca de presentes” que tem como objetivo: abordar a importância de fazer novas amizades. Para começarmos a dinâmica, distribuímos entre os alunos; papel ofício A4, lápis grafite e lápis de colorido.

Começamos a dinâmica solicitando aos alunos que fizessem um imagem/desenho para retratar a importância da amizade. Em seguida, explicamos que cada imagem produzida se transformaria em um presente para o colega. Ao finalizarem a produção da ideia em imagem,promovemos a troca dos presentes

simbólicos. Logo, em seguida, organizamos os alunos em círculo, sentados no chão, com o objetivo de discutirmos com os alunos a importância de fazer novas amizades. É importante ressaltar que, nesse momento, essa dinâmica contagiou os alunos, até mesmo aqueles que aparentemente não tinham amigos na sala de aula, perceberam o quanto é importante ter e ser amigo de alguém.

2º Momento (Leitura da obra)

Para esse momento da proposta, organizamos um roteiro de leitura da obra em foco, conforme segue, para atingir o objetivo de desenvolver no aluno o interesse pela leitura.

Iniciamos em círculo para fazermos a leitura da obra que tem a preocupação de mostrar a importância da amizade entre duas crianças que nasceram e cresceram juntas, numa mesma fazenda, sendo uma o patrão/dono; e a outra escravo desse senhor.

Ao término da leitura, percebemos que os alunos ficaram cada vez mais entusiasmados com a leitura, querendo participar e comentar sobre os acontecimentos, fatos, problemas em torno dos personagens. Diante da empolgação, aproveitamos para com a interpretação oral, abordar a importância da amizade, especialmente a questão do Preconceito Racial.

Objetivando levá-los a pensar de forma coletiva, acerca dessa problemática, ao mesmo tempo instigando-os a interagir com os coleguinhas, no sentido de leva-los à realidade social e do entorno deles, quanto a essa questão: por preconceito excluem-se as pessoas, como se não fossem pessoas, mas alguém diferente, inferior, incapaz etc.

3º momento (Atividade escrita)

Para a atividade escrita, a partir da leitura e contação da história da obra em foco, teve como objetivo despertar nas crianças a importância da amizade dentro e fora da sala de aula. Para atender esse objetivo apresentamos aos alunos a seguinte atividade, segue abaixo (figura 06)

Para estabelecer a prática, propomos uma atividade que despertasse os

sentimentos em nossos alunos, desde a mais tenra idade para que os mesmos cresçam valorizando e respeitando o outro e a si próprio, pois vivemos em sociedade.

3ª Atividade escrita

Figura 8- Atividade de leitura e escrita



Fonte:Elaborada a partir do site:www.amorensina.com

4.4.3.1 Avaliação e resultado da SD (III)

A partir da atividade apontada na Figura 08, observamos o desempenho de cada criança na realização das atividades no momento da SD III, conforme consta em Anexo o registro da atividade escrita.

Como resultado, percebemos que a cada proposta de leitura, as crianças estão desenvolvendo a linguagem oral, a leitura e a escrita nesse processo de aquisição da leitura. Sendo assim, é importante salientar que o objetivo de nossa pesquisa é focar na aquisição da leitura. Em diálogo com Solé (1998, p.23), a autora afirma que existe uma relação profunda entre leitura e escrita, pois, na perspectiva interacional da leitura, a compreensão abrange tanto o escrito como o contexto que está por trás da informação, da geração de conhecimento a partir da obra lida

A seguir, apresentaremos uma amostra de uma atividade respondida pelo aluno.

Figura 9 - Amostra da atividade respondida pelo aluno G (Diana)



4.4.4 Sequência Didática (IV): Gosto pela leitura: imaginação e criatividade

4ª Aula – 27/05/2015 com duração de 4h

Tema: Família

Objetivos: a) Oferecer momentos prazerosos; b) Valorizar a imaginação e criatividade da criança; c) Despertar o gosto pela leitura; d) Refletir e enfatizar atitudes e valores positivos perante si mesmo e perante o outro, tais como, respeito, colaboração, responsabilidade e amizade, entre outros.

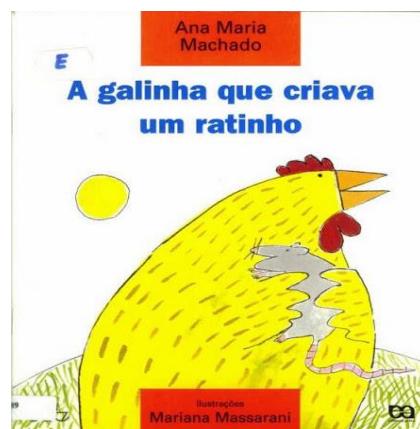
Conteúdos: Práticas de leitura e escrita.

Ano: 1º Ano

Material Necessário: A obra A galinha que criava um ratinho.

Desenvolvimento: Elegemos a obra “**A galinha que criava um ratinho**” (Ana Maria Machado, 2004).

Figura10 – Obra A galinha que criava um ratinho



Fonte: Cucadegentemiuda.files.wordpress.com

1º Momento (Dinâmica)

No intuito de introduzir a obra em estudo, propomos uma dinâmica num espaço-tempo de ensino aprendizagem, já apontando a temática Família, em seguida, propomos uma dinâmica de grupo para iniciar a discussão do tema da obra A galinha que criava um ratinho.

Essa proposta pedagógica tomou como objetivo oferecer a criança oportunidades de relaxar, sociabilizar e se conhecer. Quanto à dinâmica, “Identidade e Valores” (adaptada para criança) solicitamos que os alunos se organizassem em grupos de quatro pessoas formando círculos na sala, para, em seguida, sentarem no chão de forma confortável ao som da música de Beethoven previamente escolhida. Tal escolha se deu por se tratar de uma sinfonia de relaxamento, deixando-os a todos bem tranquilos.

Diante da organização dos alunos e forma confortável e em grupo, pedimos que cada um contasse alguns fatos de sua vida que estivesse relacionado com seu núcleo familiar.

Em seguida, após 30 minutos de diálogo entre eles, convidamos os integrantes do grupo a comparar suas histórias, refletindo sobre a influência desses fatos em suas vidas. Nesse momento, surgiram muitas histórias engraçadas, pois a criança não tem pudor de falar o que sente chegando a falar, muitas vezes, de forma cômica. Esse momento de conversa entre os grupos foi importante para incentivá-los a refletir sobre a relação entre a atividade proposta e a família na atualidade.

Com os objetivos alcançados, com a atividade, procuramos introduzir a obra e procedemos com a leitura, conforme a SD em tela.

2º Momento (Leitura da obra)

Para esse momento da proposta, organizamos um roteiro de leitura da obra em foco, conforme segue, para atingir o objetivo de despertar o gosto pela leitura buscando assim valorizar a imaginação e a criatividade da criança despertando nela o prazer e a autonomia de poder compreender os fatos, a problemática apontados numa obra lida, numa história ouvida.

Após o término da dinâmica, colocamos as cadeiras em círculo e iniciamos a

leitura da obra. Antes de iniciarmos a leitura, observamos que os alunos ficaram ansiosos para começarmos a ler, por quererem saber o que aconteceria na história.

Durante a leitura, estrategizamos algumas pausas, para que eles interagissem com os fatos da história, especialmente no momento em que a raposa bate a porta deixando todos em suspense na sala. Nesse momento, todos interagiram com o texto contando como seria o final da história.

Diante da leitura e discussão, procuramos fazer o aluno interagir com o mundo para observar se tais questões, realidades aconteciam em seu entorno, assim como esses pequenos leitores já apresentariam alguma proposta de solução a problemática, e, especialmente se os leitores em formação já poderiam estabelecer uma crítica acerca do que estava sendo discutido. Essa discussão é para Coelho (2000), o caminho que leva a criança a se encontrar com o mundo contido no livro.

3º Momento (Atividade escrita)

Terminada a leitura dialogada, propomos uma atividade escrita, com o objetivo de incentivar a leitura, através da escrita. Nessa atividade, fizemos uso de um caça-palavras para que a criança a partir da leitura encontrasse as palavras ali solicitadas no quadro, como podemos ver na atividade abaixo.

4ª Atividade escrita

Figura 11– Atividade de leitura e escrita



Fonte:<http://escolinhaludica.blogspot.com>

4.4.4.1 Avaliação e resultado da SD (IV)

A avaliação aconteceu através da compreensão do processo de desenvolvimento observado em cada criança e à significação de cada produção durante a atividade escrita. Segue abaixo uma atividade escrita como resultado do progresso da leitura em iniciação.

Figura 12- Amostra da atividade respondida pelo aluno C (João)



Como resultado, entendemos que os objetivos propostos nessa pesquisa estão sendo alcançados à medida que as intervenções dadas para desenvolver a aquisição de leitura dos alunos vão sendo realizada nesse processo de evolução e iniciação da leitura.

4.4.5 Sequência Didática (V): *Lendo para interpretar: Leitura e escrita*

5ª Aula –10/06/2015 com duração de 4h

Tema: Fantasia e imaginação da Obra em estudo.

Objetivos: a) Fomentar o gosto pela leitura; b) Promover a aprendizagem por meio da Literatura Infantil; c) Incentivar a leitura e interpretação da obra.

Conteúdos: Leitura e escrita

Ano: 1º Ano

Material Necessário: A obra O casamento da Emília; Papel ofício A4; Lápis grafite.

Desenvolvimento: Elegemos a obra “**O casamento da Emília**” (Monteiro Lobato, 1936/2003).

Figura 13 – Obra O casamento da Emília



Fonte:<http://produtomercadolivre.com.br/monteiro-lobato-o-casamento-da-emilia>

1º Momento (Dinâmica - experienciando o imginário lúdico com as crianças)

A partir da obra literária “O casamento da Emília”, propomos uma dinâmica de grupo para introduzir o tema Fantasia e imaginação, com o objetivo de introduzir a obra a SD e a finalidade de incentivar as crianças a entrarem no mundo da imaginação.

Para darmos início à atividade, pedimos que todos procurassem uma posição confortável, a melhor que encontrarem na cadeira. Em seguida, pedimos que fechassem os olhos e sentissem o seu corpo desviando a sua atenção de tudo o que acontecer lá fora.

Dando sequência, pedimos que pensassem em um bosque ao meio dia, de modo que cada um estivesse nesse espaço tempo de paz, de beleza... e que visualizassem os passarinhos multicores, voando a sua frente, abrindo-lhe a passagem. Pedimos que continuassem esse passeio de olhos fechados... e vissem como a relva está verdinha... Ovissem o barulho do silêncio... Pensassem em agora estarem deitados nessa grama..., tão macia... Que silêncio de bosque, quanta calma... Os passarinhos fazem silêncio, cantam para permitir o descanso... E assim, vocês se imaginem: Vou sentir este momento... Como me sinto calmo... sereno... tranquilo. Vou aos poucos me levantando da relva macia e caminhando bem devagar. Estou chegando ao final do bosque... Agora volto para minha sala de aula..., em paz..., e bem calmo... Para finalizar, pedimos que todos abrissem os olhos bem lentamente.

Terminado esse momento de experiência do espaço tempo do bosque, o que fez percebermos que todos estavam bem tranquilos após adentrarem a esse lugar imaginário. Em consonância com Abramovich (1997), a autora afirma que é

ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a alegria, a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantos outros sentimentos que as narrativas literárias provocam em quem as ouvem. E é com esse sentimento que daremos sequência no segundo momento a leitura da obra.

2º Momento (Leitura da obra)

Com o término da atividade, com uma dinâmica em grupo, demos início à leitura da obra. Para esse momento da proposta, organizamos um roteiro de leitura da obra em foco, conforme segue, para atingir o objetivo de despertar nos alunos os sentimentos de fantasia e imaginação no decorrer da história. Para tal, pedimos que todos continuassem de forma bem confortável na cadeira para iniciarmos a leitura, no decorrer da leitura estrategizamos algumas pausas, para que as crianças interagissem com os personagens e os fatos que iam acontecendo no desenrolar da leitura/contação da história, permitindo assim ao aluno perceber o seu potencial, quanto ao imaginário, a originalidade e os aspectos físicos contidos na obra, como também poder de “abrir janelas” para as experiências e conhecimentos advindos do texto, e assim poder se sentir atraído pelo detalhe da narrativa ou ilustração que o encante na sua própria descoberta. Esse momento de interação e encantamento com a obra foi muito gratificante, pois percebíamos nitidamente o interesse das crianças pela leitura em foco.

Terminada a leitura aproveitamos esse momento de entusiasmo, e demos início a uma Roda de conversa, com o intuito de relembrar alguns personagens e fatos ocorridos no decorrer da narrativa. Nesse momento, todos interagiram, dando suas opiniões com relação ao texto e adentrando em um mundo de fantasia, encantamento e criatividade.

3º momento (Atividade escrita)

Finalizada a leitura da obra, fizemos a interpretação oral, aplicando-a a uma atividade escrita que tem como objetivo continuar incentivando a leitura através da escrita. Na atividade descrevemos abaixo, fizemos uso de um quadro de letras, para

que os alunos, a partir da leitura, encontrassem o nome dos personagens que fazem parte da obra em foco.

5^a Atividade escrita

Figura 14 – Atividade de leitura e escrita

VAMOS ACHAR, NO QUADRO DE LETRAS, OS NOMES DOS PERSONAGENS DO SITIO DO PICA-PAU AMARELO?

- EMÍLIA
- NARIZINHO
- PEDINHO
- TIA NASTÁCIA
- DONA BENITA
- RABICÓ
- VISCONDE DE SABUGOSA

N	V	I	S	C	O	N	D	E	E
N	A	S	T	A	C	I	A	D	P
A	U	R	A	B	I	C	O	C	E
B	T	V	R	S	T	A	O	B	D
E	N	R	S	I	Z	I	N	A	R
N	M	E	C	A	Z	I	V	E	I
T	G	I	N	C	I	L	M	I	N
A	U	O	L	R	I	M	E	H	H
Q	N	A	R	I	Z	I	N	H	O
S	E	R	E	G	A	A	L	O	F



Fonte: Elaborada a partir do site: www.blogspot.com

4.4.5.1 Avaliação e resultado da proposta de leitura da SD (V)

Avaliamos as atividades dos alunos a partir do envolvimento e a participação deles nas respostas às questões colocadas durante a leitura da obra. Abaixo, apresentaremos uma amostra de uma das atividades escrita para que entendamos o resultado da intervenção da leitura com o recurso da Literatura Infantil, através da Obra O casamento da Emília.

Figura 15- Amostra da atividade respondida pelo aluno D (Paulo)

VAMOS ACHAR, NO QUADRO DE LETRAS, OS NOMES DOS PERSONAGENS DO SITIO DO PICA-PAU AMARELO?

- EMÍLIA
- NARIZINHO
- PEDINHO
- TIA NASTÁCIA
- DONA BENITA
- RABICÓ
- VISCONDE DE SABUGOSA

N	V	I	S	C	O	N	D	E	E
N	A	S	T	A	C	I	A	D	P
A	U	R	A	B	I	C	O	C	E
B	T	V	R	S	T	A	O	B	D
E	N	R	S	I	Z	I	N	A	R
N	M	E	C	A	Z	I	V	E	I
T	G	I	N	C	I	L	M	I	N
A	U	O	L	R	I	M	E	H	H
Q	N	A	R	I	Z	I	N	H	O
S	E	R	E	G	A	A	L	O	F



Foram considerados também como critérios de avaliação: a) o desenvolvimento das construções individuais e coletivas; b) as vivências de mundo; c) a apropriação do conhecimento, através da leitura estratégizada; e d) a participação do grupo no decorrer da SD. E o resultado apontou que os alunos estão se apropriando da leitura nesse processo de iniciação, e que o papel dessa intervenção fez-nos crer que as contribuições da Literatura Infantil são de grande valia para vida social do aluno, mesmo que seja em iniciação, seja de forma escolarizada, ou de forma experienciada pelo acesso aos fatos sociais apostos na obra.

4.4.6 Sequência Didática (VI): Monteiro Lobato: fantasia e encantamento

6ª Aula – 30/06/2015 com duração de 4h

Tema: Monteiro Lobato para ler, contar e encantar

Objetivos: a) Participar de interações orais na sala de aula; b) Avançar no processo de aquisição da leitura; e c) Incentivar a leitura através da arte.

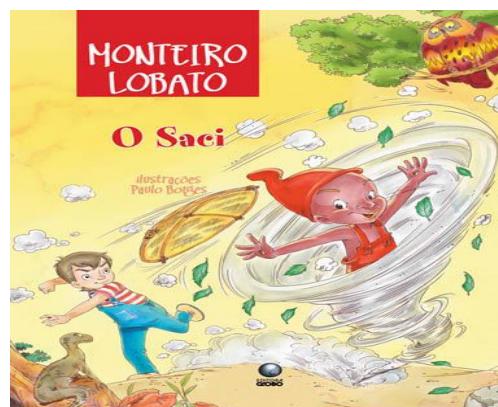
Conteúdos: Participação em situações de oralidade, leitura e escrita, oportunizando avanços na aprendizagem.

Ano: 1º Ano

Material Necessário: A obra - O Saci; Papel oficial A4 branco, Lápis de cera colorido; Palitos de picolé; e Tinta guache vermelha.

Desenvolvimento: Elegemos a obra **O Saci (Monteiro Lobato, 1921/2007)**

Figura 16 - A obra O Saci



Fonte:<http://produtomercadolivre.com.br/monteiro-lobato-o-saci>

Nessa última intervenção, a SD se voltou para uma leitura da obra, com

atividade escrita e atividade de arte.

1º Momento (Uma atividade dinâmica com leitura)

Antes de darmos início à leitura da obra “O Saci”, fizemos uma Roda de conversa para dialogarmos sobre a história em foco e, para isso, ativamos o conhecimento prévio acerca desse diálogo, se já tinham ouvido falar a respeito da história do Saci, de Lobato (2007).

Diante da leitura/contação de história, observamos que, em sua maioria, já havia assistido em vídeo ou já ouviram falar das travessuras do Saci, por ser um personagem das lendas do Folclore brasileiro. Ao término da Roda de conversa, apresentamos a obra que fará parte dessa SD.

Como estratégias de leitura, exploramos a informação temática que está ilustrada e aprestada na capa da obra: O Saci compartilhando com os alunos as informações ali apresentadas

Em seguida, lemos, em voz alta, a obra intitulada *O Saci*, instigando a interação com a obra, com as coisas do mundo real ali postadas. Procuramos explorar a figura do saci da seguinte forma: como um menino que gostava de brincar fazendo travessuras com os moradores do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Para descontrair um pouco a atividade de leitura, procuramos saber dos alunos como eles achariam uma situação em que pudesse passar as férias no Sítio do Pica pau Amarelo, o que eles pensam que poderia acontecer durante essas férias? Pedimos que não respondessem agora, somente no final da leitura, é que voltaríamos a essa questão.

Terminada a leitura, conversamos com as crianças sobre as peripécias, aventuras, travessuras e as emoções que despertaram a história do Saci. Procuramos também criar condições para que os alunos escutassem as ideias um dos outros e trocassem opiniões. Para isso, voltamos a reapresentar para a sala o questionamento que fizemos para os alunos anteriormente durante a leitura, com o objetivo de instituir a prática de troca de ideias e opiniões após a leitura.

As respostas pelos alunos à pergunta em questão foram variadas, alguns viajaram na fantasia e imaginação. Ao fim dos questionamentos acerca da leitura em foco, perguntamos às crianças o que acharam da história, de seus personagens, do final

escolhido por Monteiro Lobato. Esse momento foi aprazível com todos querendo responder ao mesmo tempo e demonstrando naquele momento a alegria e o encantamento que a leitura da obra tinha despertado nos alunos. Esse momento é para Abramovich (1997), o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

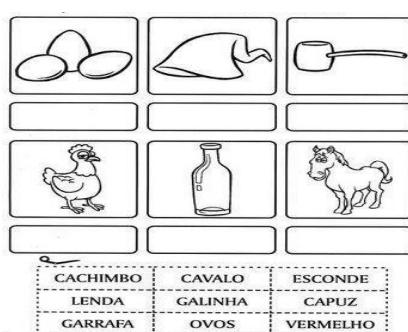
2º Momento (Atividade escrita)

Na atividade escrita proposta a seguir, retiramos do texto “O Saci” algumas palavras para que os alunos recortassem o nome e colassem abaixo da figura correspondente, tendo como objetivo levar o aluno a retomar (ler) algumas palavras citadas no texto. Isso sem deixar que a leitura ficasse dissociada da escrita, pois, para Coelho, nesse processo de aquisição da leitura na escola, com o apoio da Literatura Infantil, nessa fase de leitor iniciante, a criança se encontra com o mundo contido no livro, como também é estimulada a decodificar os sinais gráficos que lhe abrem as portas do mundo da escrita (COELHO, 2000, p. 34-35). Nessa atividade, procuramos explorar as peripécias do Saci, escondendo objetos, derrubando coisas, espantando caças, perturbando galinhas, cavalos e cães. Com essa atividade fizemos a leitura da escrita a partir da imagem.

A seguir, apresentaremos a atividade proposta para se coadunar com a obra/história para dar prosseguimento às atividades.

6ª Atividade escrita

Figura 17 – Atividade de leitura e escrita



Fonte: Elaborada a partir do site: www.educalunos.com

3º Momento (Atividade de arte)

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p. 27).

E foi pensando nessa literatura que encerramos as atividades com a realização de uma oficina de dobraduras do personagem da obra O Saci, nessa proposta, tivemos como objetivo desenvolver e estimular a criatividade, a fantasia e a imaginação na hora de confeccionar o personagem Saci. Antes de iniciar a oficina pedimos que todos sentassem no chão em forma de círculo, dando sequência distribuímos folhas de papel ofício A4 branco para darmos início à confecção do Saci. Ao terminarmos a dobradura entregamos tinta guache vermelha com um pincel para pintarem o capuz e palito de picolé para colarem no saci.

Em seguida, terminada a Oficina, as crianças começaram a brincar de faz de conta, encenando algumas falas do Saci relembrando algumas passagens o texto. Nesse momento, todos queriam viver o personagem, vivenciando através da arte as travessuras e peripécias do Saci sem perder o encantamento da obra.

Entendemos nesse momento que a Literatura Infantil tem esse poder de encantar, divertir, instruir, transformar e formar consciência, como afirma Coelho (2000), ao dizer que a Literatura, e, em especial a Infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente, subsídio de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (Coelho, 2000, p. 15).

Figura 18 – Foto do Saci (confeccionado pelos alunos)



Fonte: Idealizada pela própria autora a partir da confecção em sala de aula.

4.4.6.1 Avaliação e resultado da SD (VI)

Os alunos foram avaliados durante todo esse período de intervenções, de forma coletiva e individual, buscando observar seu desempenho, interesse e participação nas atividades propostas no momento da sequência didática, como objetivo de contribuir nesse processo de aquisição e iniciação da leitura.

Como resultado, percebemos que houve um avanço significativo nessa fase da aprendizagem da leitura. Para Coelho (2000), é o início do processo de socialização e de racionalização da realidade. Essa autora também afirma que nessa fase, a presença do adulto, como “agente estimulador” se faz necessário, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também estimulá-la a decodificar.

Nessa direção entendemos que a Literatura Infantil é, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da Literatura, cuja compreensão considerou a substância mais apurada do processo de leitura. Processo esse que dão acesso a essa compreensão leitora de uma obra e garante ao futuro leitor uma experiência que conduz ao processo crítico de leitura em níveis profundos, oportunizando-lhe uma integração ao mundo. Foi nesse contexto que entendemos que é preciso discutir como esse processo de iniciação à leitura e à Literatura, por meio da aproximação e exploração do universo literário infantil, é fator determinante para as experiências leitoras da vida adulta.

5 ANALISANDO OS DADOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A análise dessa pesquisa se deu a partir da análise sob perspectiva de Bardin (2006, p.38), cuja análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens,

[...], dessa forma, a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta, que recorre a indicadores (quantitativos ou não). Na nossa pesquisa, acreditamos que a técnica de análise do conteúdo nos propiciou fazer uma análise que melhor responderia ao objetivo desse estudo.

Em nossa análise e materialização dos dados encontrados, utilizamos os dados de perguntas e de respostas abertas em um Questionário, conforme consta no Apêndice do trabalho em tela: o Questionário e as atividades, conforme Sequências Didáticas, acima mencionadas, que incentivaram a leitura através da Literatura Infantil.

Salientamos que a turma foi composta por 20 alunos (aqui tomados com nomes fictícios), no entanto, para análise dos dados, selecionamos 10 alunos. A seleção desses alunos deu-se, a partir de sua participação em todas as intervenções realizadas em sala de aula. Nessa direção, esclarecemos que elaboramos quadros com as respostas obtidas pelos 10 alunos, as quais foram analisadas a seguir.

Questionário oral para os alunos

1. Você gosta de escutar histórias?
2. De quais histórias você lembra?
3. Seus pais ou familiares tem hábito de contar historinhas para você? De qual você mais gosta e pede para eles contarem novamente?
4. Quando o professor conta uma historinha na sala de aula, você costuma recontá-la para seus amigos e familiares?
5. Sua professora sempre costuma contar histórias na sala? Cite o nome de uma história que sua professora contou e você não esqueceu.
6. Qual tipo (gênero) de historinha que você mais gosta: conto, lenda, parlenda ou fábula?
7. Já contaram uma historinha que você não gostou? Qual você lembra?

Diante desse questionário, apresentaremos as respostas dos alunos:

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 1^a PERGUNTA

(Você gosta de escutar histórias?)

Quadro - 1. Respostas da 1^a primeira pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A (José)	Sim, gosto muito.
B (Maria)	Sim
C (João)	Gosto
D (Paulo)	Sim
E (Marcos)	Gosto muito
F (Joana)	Gosto
G (Diana)	Gosto muito
H (Murilo)	Gosto
I (Lucas)	Gosto muito
J (Vando)	Gosto

Fonte: Própria (2015)

Nessa 1^a pergunta, observamos que todos os alunos (A, B, C, D, E, F, G, H, I e J) responderam com segurança, que gostam de escutar histórias. Diante desse fato, recorremos a Abramovich (1997) quando afirma que ouvir pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor. Escutar muitas histórias é importante para se integrar num mundo de descobertas e de compreensão do mundo.

Nesse contexto, percebemos que, durante a leitura das narrativas literárias em sala, todos prestavam atenção, entusiasmados, interagindo com o texto e seus personagens a cada história contada, despertando nos alunos diferentes sensações e sentimentos que ficavam visíveis no semblante e olhar de cada um. Nessa direção, sabemos que, quanto mais cedo à criança tiver contato com os livros, e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela se tornar um adulto leitor. Da mesma forma, através da leitura, a criança adquire uma postura crítico-reflexivo e relevante à sua formação cognitiva.

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 2^a PERGUNTA

(De quais histórias você lembra?)

Quadro - 2. Respostas da 2^a segunda pergunta do Questionário com os alunos

ALUNOS	RESPOSTAS
A	A do gatinho e a do leão
B	O gato de botas/ Branca de Neve
C	O rato do campo e o rato da cidade

(Cont.)

ALUNOS	RESPOSTAS
D	O cachorrinho/ Os três porquinhos
E	O bicho papão/ A bela e a fera
F	O cachorro que solta pum
G	João e Maria/ Geattuly
H	Acho que lembro da Galinha pintadinha
I	Não sei, acho que lembro de Chapeuzinho vermelho
J	Não lembro de nenhuma

Fonte: Própria (2015).

Conforme o quadro acima, observamos que os alunos (A, B, C, D, E, F e G) responderam com rapidez o nome de algumas histórias que lembraram no decorrer do questionário, enquanto os alunos (H, I e J) responderam com insegurança.

Um fato que chamou nossa atenção foi o aluno (J), que não se lembrou de nenhuma história. Fato este, que nos fez comungar com a afirmação de Sandroni & Machado (1998, p.16) que “O amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”, pois é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Sabemos que a obra literária é uma fonte riquíssima que abre infinitas possibilidades para a criança compreender através da fantasia, da imaginação o que acontece a sua volta. Dessa forma, se faz necessário oferecer a ela oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa. A leitura desperta o interesse e atenção da criança, desenvolvendo nela dentre outros fatores a criatividade, a percepção de diferentes resoluções de problemas, autonomia e criticidade, que são elementos importantes para a formação pessoal e social do ser humano. A criança quando tem contato com bons modelos literários, não só desperta a sua imaginação, como também facilita a expressão de ideias e a expressão corporal.

Nessa direção, entende-se que algumas crianças têm o primeiro contato com a literatura quando chega à escola. É nesse momento, que o professor, percebendo essa carência poderá semear a paixão pela literatura, proporcionando momentos prazerosos de leitura ao aluno.

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 3ª PERGUNTA

(Seus pais ou familiares têm hábito de contar historinhas para você?).

De qual a história você mais gosta e pede para eles contarem novamente?)

Quadro - 3. Respostas da 3^a terceira pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A	Sim, não lembro
B	Sim, a da princesa
C	Sim, O pintinho amarelinho
D	Sim, sempre contam a do sapo
E	Sim, às vezes, mas não lembro de nenhuma
F	Sim, a historinha das mães
G	Sim, Geatully
H	Gosta de contar às vezes aminha mãe – O avião resgate
I	Não, algumas vezes a minha irmã conta para dormir – Chapeuzinho vermelho e galinha pintadinha
J	Não conta

Fonte: Própria (2015).

Analizando a 3^a pergunta, percebemos que os alunos (A, B, C, D, E, F e G), onde os pais ou familiares tem o hábito de lhes contar histórias, estes apresentaram melhor desenvolvimento na leitura, mostrando mais desenvoltura em sala de aula. Essa mesma agilidade, se fez perceber também na hora de responderem as atividades escritas, as quais podem ser constatadas, em anexo. Esses alunos, que já estão em processo de iniciação da leitura, e que recebem estímulo em casa e na escola, respondem às atividades sem muita dificuldade, pois “nessa fase de leitor iniciante a criança já reconhece os signos do alfabeto e reconhece a formação de sílabas simples” (COELHO, 2000, p. 34).

Partindo desse princípio, percebemos que os alunos (H,I e J) apresentaram maior dificuldade para responderem as atividades que estão em anexo. Observamos que esses alunos, que não estão em fase inicial da leitura, e que seus pais e familiares não tem hábito de lerem para eles em casa, reforça o papel da escola que se torna sua única fonte de aquisição a leitura. Fica evidente que a escola tem um papel fundamental na aquisição do hábito de leitura e formação desse leitor. Nesse sentido, compreendemos que a escola não pode ser considerada a única instituição, a família e a sociedade também farão parte desse contexto de aprendizagem.

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 4^a PERGUNTA

(Quando o professor conta uma historinha na sala de aula você costuma recontá-la para seus amigos e familiares?)

Quadro - 4. Respostas da 4^a quarta pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A	Sim, às vezes
B	Sim costumo contar
C	Não lembro
D	Sim
E	Ás vezesuento para minha mãe, meu pai ou minha irmã.
F	Sim, gosto de contar para meu irmão
G	Sim
H	Sim, para minha avó
I	Sim
J	Sim

Fonte: Própria (2015).

Ao analisarmos a 4^a pergunta, percebemos que todos os alunos (A, B, C, D, E, F, G, H, I e J) responderam sim, quando perguntamos se costumam recountar as histórias que o professor conta em sala. Diante de suas respostas, observamos que quando a criança é estimulada na escola e se cria um clima favorável à leitura, torna-se prazeroso, porque, quando se lê por imposição, o leitor apenas exerce uma função mecânica, prejudicando assim seu real valor. Isso fica visível quando a escola faz o seu papel, pois sabemos que “As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens” (ZILBERMAN, 1987, p. 107). E nesse sentido “O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real (ZILBERMAN, 1987, p. 107). E reafirmamos que a escola tem um papel fundamental nesse processo, por isso, para a autora [...] “o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança” (ZILBERMAN, 1987, p.16).

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 5^a PERGUNTA

(Sua professora sempre costuma contar histórias na sala?).

Cite o nome de uma história que sua professora contou e você não esqueceu?)

Quadro - 5. Respostas da 5^a quinta pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A	Sim, a do jacaré, a do gatinho e a do leão
B	Sim algumas vezes/ a da ovelha
C	Sempre conta a do sapo

(Cont.)

ALUNOS	RESPOSTAS
D	Sim, o sapo e o pintinho amarelinho
E	Sim, O bicho papão
F	Sempre conta histórias da princesa
G	Sim, O cachorro que solta pum
H	Sim, a história do bebê
I	Sim, chapeuzinho vermelho/ Os três porquinhos
J	Sim, histórias da Mônica e do cachorro que tem cor

Fonte: Própria (2015).

Observamos que ao confrontarmos as respostas da 5^a pergunta dos alunos (A, B, C, D, E, F, G, H, I e J) com a resposta (em anexo) da 2^a pergunta da professora, percebemos a importância da contação de história, e o quanto essa professora faz desta prática de leitura uma constante em sala. Essa constatação foi visível a cada história que utilizamos em nossa sequência didática, pois os alunos participaram, recontaram, interpretaram e pediram para relemos a história novamente.

Para Abramovich, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. É ouvindo histórias que estimulamos nossas crianças a desenhar, musicar, sair, ficar, brincar, imaginar, ver o livro, querer ouvi-lo novamente e até escrever. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via; sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, com mais significados e mais compreensões (ABRAMOVICH, 1997, p. 23). Pois a [...] sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade (ZILBERMAN, 1987, p.16).

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 6^a PERGUNTA

(Qual tipo (gênero) de historinha que você mais gosta: conto, lenda, parlendas ou fábula?)

Quadro - 6. Respostas da 6^a sexta pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A	Conto
B	Conto
C	Conto
D	Lenda
E	Qualquer história

(Cont.)

ALUNOS	RESPOSTAS
F	Conto
G	Lenda
H	Conto
I	Conto
J	Conto

Fonte: Própria (2015).

Observamos que a maioria dos alunos gostam de escutar histórias do gênero conto, que pode ser definido como uma obra de ficção ou um texto ficcional. Cujo gênero, pode levar a criança a criar um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação, pois como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Nesse sentido, para Coelho, a Literatura Infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção (conto), visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida (COELHO, 2000, p.164). Acreditamos que esse gostar dos alunos por esse gênero muito tem haver com essa afirmação de Coelho (2000), pois são histórias que divertem, emocionam, encantam e atraem o pequeno leitor.

RESPOSTAS DOS ALUNOS PARA 7ª PERGUNTA

(Já contaram uma historinha que você não gostou?, De qual você lembra?)

Quadro - 7. Respostas da 7ª sétima pergunta do Questionário com os alunos.

ALUNOS	RESPOSTAS
A	Sim, Chapeuzinho vermelho
B	Sim, mas não lembro qual
C	Sim, a da cobra
D	Sim, a história da baleia
E	Não
F	Não, todas eu gostei
G	Teve sim, mas não lembro da história
H	Sim, a turma da Mônica
I	Sim, a galinha pintadinha
J	Sim, uma historinha que tem um avião e uma minhoca

Fonte: Própria (2015).

Nessa última análise, observamos que, a maioria dos alunos respondeu que sim, já ouviram histórias que não gostaram. Observamos, ainda, que alguns desses alunos (B, C, D, G, J), que afirmam não ter gostado da história, não conseguem

lembrar-se do título, apenas de alguns trechos, relacionando-os com algumas passagens ou personagens do livro.

Nesse contexto, acreditamos que o estímulo à leitura, poderia assumir o seu papel de facilitador desse processo. Para Coelho nessa fase inicial da leitura a presença do adulto, como “agente estimulador” faz-se ainda necessária, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também a estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas do mundo da escrita. Nessa fase, um dos melhores incentivos a ser dado é o aplauso ou o estímulo carinhoso a cada uma de suas “vitórias” (COELHO, 2000, p. 35).

Nesse sentido, Coelho afirma que os livros adequados a essa fase da infância devem apresentar as seguintes características: a imagem predominando sobre o texto; o texto deve ter princípio, meio e fim; o humor, a graça e a comicidade devem estar presente; os personagens podem ser reais (humanos) ou simbólicos (bichos, plantas e objetos); o texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples (vocal/consoante/vocal); os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir... Para essa autora, é nessa fase que a criança é atraída particularmente pelas histórias bem-humoradas em que a astúcia do fraco vence a prepotência do forte; ou em que a inteligência vence o mal (COELHO, 2000, p. 35-36).

A seguir, faremos uma análise das respostas obtidas pelo questionário de perguntas e respostas abertas, conforme descrito abaixo, aplicado a professora da turma na escola campo:

Questionário para a professora

- 1.Há quanto tempo você trabalha com alunos na fase inicial da leitura?
 - 2.Você conta histórias para seus alunos? Se sim, com qual periodicidade?
 - 3.Quais metodologias são utilizadas? E como você as utiliza em sala de aula?
 livro fantoches objetos fantasias outros
 Quais outros
 - 4.Como você trabalha leitura com aqueles alunos que ainda não estão na fase inicial da leitura?
 - 5.Você utiliza diferentes gêneros textuais? Se sim, quais?
 - 6.Como é sua rotina em relação a leitura?
 - 7.Na sua opinião em que essa literatura contribui para o processo de aquisição da leitura?
-

A pesquisa por esse instrumento teve como objetivo conhecer as

especificidades do trabalho do docente e avaliar as atividades de leitura por ele proposta. Para tal, organizamos as respostas em quadro, para, em seguida, fazermos a apreciação analítica, conforme o objetivo geral dessa proposta de intervenção e pesquisa do trabalho. O questionário encontra-se em anexo.

RESPOSTAS DA PROFESSORADA 1^a PRIMEIRA ATÉ A 7^a SÉTIMA PERGUNTA DO QUESTIONÁRIO ACIMA MENCIONADO

Quadro- 8. Respostas da 1^a à 7^a pergunta do Questionário com a professora.

PROFESSORA	RESPOSTAS
1 ^a (Pergunta)	2 Anos
2 ^a (Pergunta)	Sim. Ao menos duas vezes na semana.
3 ^a (Pergunta)	Livro, objetos e oralidade
4 ^a (Pergunta)	Através da oralidade
5 ^a (Pergunta)	Sim. Convite, receita e etc.
6 ^a (Pergunta)	Tento ler um livro por mês (romance/ contos) e frequentemente leio infantis (são rápidos) para ampliar o repertório.
7 ^a (Pergunta)	Além de ampliar meu repertório de histórias me dá subsídios para contação oral. Em especial os infantis ajudam a pensar como as crianças assimilam os textos.

Fonte: Própria (2015).

Analisando as respostas da professora, observamos que a leitura de livros da Literatura Infantil, não era uma prática diária como ela deixa transparecer na resposta da segunda pergunta. Contudo, a professora da sala de aula trabalhava com leituras, mesmo que estas não fossem diárias, pois observamos um despertar nos referidos alunos durante a realização das atividades que foram propostas por nós, durante cada intervenção.

Observamos, ainda, que na primeira pergunta ela afirma ter dois anos de experiência com alunos em fase inicial da leitura. No entanto, esse pouco tempo de experiência, não desmerece o profissionalismo que a mesma conduz a sua prática. Esse comprometimento profissional a professora deixa transparecer ao responder a sexta e a sétima pergunta. Quando em seu discurso ela relata “tento ler um livro por mês (romance/contos) e frequentemente leio infantis” com essa frase afirma que está sempre buscando ampliar seu repertório, ou seja, seu conhecimento literário.

Mediante as informações coletadas a partir do questionário proposto a professora, analisamos suas respostas fazendo comparações com relação as

respostas contidas no questionário dos alunos e com as práticas vivenciadas na sequência didática no decorrer das intervenções. A partir dessa coleta de dados observamos nesse contexto, que a prática da professora está em consonância ao discurso dos alunos e as práticas vivenciadas no momento das intervenções.

Partindo desse princípio Coelho (2000), conclui que o professor precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura (como leitor atento), da realidade social que o cerca (como cidadão consciente) e da docência (como profissional competente) (COELHO, 2000, p.18).

Tomando por base o exposto, acreditamos que o papel do professor nessa fase inicial da leitura é de fato muito importante como motivador e agente estimulador da literatura infantil na escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando ser nosso objetivo geral: estudar o processo de aquisição da leitura, por alunos do 1º Ano de uma Escola Municipal, com as contribuições da Literatura Infantil Brasileira, no decorrer dessa pesquisa, discutimos sobre a importância da Literatura Infantil no processo de aquisição da leitura, de forma que pudemos observar que essa leitura se faz presente através de conhecimentos prévios que a criança adquire até chegar à escola. Salientamos, pois, que também ficou evidente a importância da familiarização nesse processo de iniciação à leitura.

Quanto a nossa hipótese de pesquisa: a) As crianças em idade de 6 e 7 anos têm pouca habilidade de ler; b) A escola não desenvolve atividades que estimulem a leitura; c) O uso de texto da Literatura Infantil Brasileira motivará o aprimoramento da habilidade de ler, pudemos confirmar, a partir da análise dos dados que a Literatura Infantil tem nesse processo de aquisição da leitura o poder de estimular, motivar, transformar e mexer com o imaginário da criança. E é partindo dessa leitura que a criança vai absorvendo criando o hábito de ler de maneira prazerosa, criativa e divertida com as situações vividas pelos personagens no texto.

No que diz respeito à questão norteadora: Como trabalhar a literatura Infantil, com alunos leitores iniciante, cuja faixa etária entre 6 e 7 anos? Partindo dessa questão temos as seguintes considerações, em diálogo com Coelho a autora considera que nessa fase da infância a criança é atraída particularmente pelas histórias bem-humoradas e divertidas em que a astúcia do fraco vence a prepotência do forte. E é nesse contexto, entretanto, que consideramos de suma importância para a formação leitora de uma criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o inicio da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Ao decorrer de nossa pesquisa, foi visto o processo de investigação e de/com intervenção também foi possível conhecer um pouco da teoria, da história da Literatura Infantil, metodologia de ensino, a gramática dessa literatura para ensinar a ler os textos com as crianças pequenas dialogar com alguns autores para uma prática, a exemplo de pesquisadores como: Abramovich (1997), Coelho (2000), Freire (1989), Lajolo (1982, 1984, 2000), Moita Lopes (1996), Solé (1998) e Zilberman (1985, 1987 e 1990), entre outros que se fazem presente em nossa bibliografia.

Refletimos, ainda, sobre a Literatura Infantil, enquanto obra literária, como recurso de incentivo à leitura e a formação de novos leitores. Contudo, observamos que a criança, para ser atuante nesse processo de iniciação à leitura, quando fora da escola, precisa da presença do adulto como “agente estimulador” incentivando-a a se encontrar com o mundo existente nos livros, além disso, entedemos que “essa iniciação à leitura depende do convívio essencial do educando com o livro (ou a leitura) para que possa continuar fecundo pela vida afora” (COELHO, 2000, p. 11). E quando esse processo de leitura dar-se na escola, é necessário conduzir esse processo de forma que a criança sinta-se estimulada a fazer leituras diversas, garantindo condições para que ela represente o mundo e a vida através das palavras, deixando entrelaçados a criatividade, o prazer e a aprendizagem.

Nesse contexto, acreditamos que esse processo de iniciação à leitura, também é papel fundamental da escola e da família, pois juntas indicarão os caminhos dos futuros leitores ao hábito de leitura, além de alimentar a imaginação e o prazer pelo ato de ler.

Através dessa pesquisa, mais precisamente da análise dos dados coletados, podemos perceber, na turma em que aplicamos a sequência didática, que a leitura de livros da Literatura Infantil, não era algo corriqueiro. Contudo, a professora da sala de aula trabalhava com leituras, mesmo que estas não fossem diárias, pois observamos um despertar nos referidos alunos durante a realização das atividades que foram propostas por nós, durante cada intervenção. Nesse sentido, acreditamos que fazer com que as

[...] crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige do professor, como leitor, preocupar-se em lê-las com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças (BRASIL, 1998, p. 143).

Podemos ressaltar, ainda, que a Literatura Infantil, trabalhada durante os três meses, no 1º ano do ensino fundamental da referida escola, contribuiu de forma significativa para a formação do leitor, estimulando a curiosidade, instigando a produção de novos conhecimentos, além de despertar à oralidade, à imaginação, à criatividade e, principalmente, o gosto pela leitura.

Durante essa pesquisa, ficou evidente que vivemos numa sociedade em que a leitura e a escrita estão por toda a parte, na qual a língua, é um fenômeno social, cultural e dinâmico que muda de acordo com o contexto histórico. Nessa perspectiva, esse estudo pode nos confirmar que a Literatura Infantil muito tem a acrescentar, a esse contexto, pois pode ser um instrumento de transformação dessa realidade. Pois partimos do pressuposto de que o trabalho com literatura estimula a produção de um conhecimento, onde reconhecemos que este, transforma a criança em um ser atuante capaz de executar e compartilhar o conhecimento adquirido. De fato, ao trabalhar e vivenciar a temática dessa pesquisa, vimos o quanto foi fascinante e enriquecedor, pois permitiu refletir sobre as contribuições que a Literatura Infantil proporciona às crianças na fase de iniciação a leitura.

Salientamos, ainda, que as reflexões aqui apresentadas não são finitas, pois ampliam as possibilidades de aprofundamento deste estudo de forma a especificar com mais detalhes o processo de aquisição da leitura com a utilização da Literatura Infantil na rotina escolar. Além disso, acreditamos que os achados deste estudo, indicam a possibilidade de outras pesquisas nessa temática como: A contribuição da Literatura Infantil como leitura de mundo, a literatura numa visão humanizadora, dentre outras possibilidades de novos estudos.

Por fim, esperamos que a Literatura Infantil esteja presente, em sala de aula, de forma lúdica e inovadora, mantendo sua essência literária e tornando o contato significativo, para que colabore com a apropriação da leitura, sendo fonte de oportunidades de transformação social. Para tanto, afirmamos o que evidenciamos nos resultados de nossa pesquisa, que para tal acontecimento seja possível, se faz necessário que a família, o aluno, o professor, e a escola estejam envolvidos no nesse processo de aquisição da leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa (1º e 2º ciclos). v. 2. Brasília: MEC, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 1998.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, A. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. A literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, Jul. 1972.

_____. **Iniciação à literatura brasileira.** São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato:** vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, 2 vols.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 8. ed., São Paulo: Cortez, 2006.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise e didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. São Paulo: Petrópolis, 2000.

- _____. **O conto de fadas.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia:** uma análise cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais.** 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2001 (Coleção Educação).
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- FRITH, U. Beneath the surface of developmental dyslexia. In: PATTERSON, K. E.; MARSHALL, J. C.; COLTHEART, M. **Surface dyslexia:** neuropsychological and cognitive analyses of phonological reading. London: Lawrence Erlbaum, 1985.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.
- LAGE, A. Orientação epistemológica para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais. **Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo.** João Pessoa: UFPB, 2009.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Usos e abusos da literatura na escola:** Bilac e a literatura escolar na república velha. Rio de Janeiro: GLOBO, 1982.
- _____; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato livro a livro.** São Paulo: Edunesp, 2009.
- _____; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira:** história & histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOBATO, M. **Conferências, artigos e crônicas.** São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. **Vida e obra.** Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/biografias/monteirolobato>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MACHADO, A. M. **Vida e Obra.** Disponível em: <<http://anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura.** 3. ed. Campinas-SP: Cortez; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

RESENDE, V. M. Leitura: mediação entre a vida e a arte. **Perspectiva.** Florianópolis: UFSC, 1985.

ROCHA, R. **Vida e obra.** Disponível em: <<http://ruthrocha.com.br/biografia>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. (Orgs.). **A criança e o livro:** guia prático de estímulo à leitura. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, M. T. M. dos; NAVAS, A. L. G. P. **Distúrbios de leitura e escrita:** teoria e prática. São Paulo: Manoelle, 2002.

SIMPLES EDUCAR. Disponível em: <www.biancasaveti.blogspot.com/2014/03/atividades> Acesso em: 20 mar. 2015.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2005.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WIKIPEDIA. **Monteiro Lobato.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato#cite_note-21>. Acesso em: 25 jul. 2015.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola.** 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

_____. **Literatura e pedagogia:** ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____.; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. São Paulo: Ática, 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA

1. Há quanto tempo você trabalha com alunos na fase inicial da leitura?

2. Você conta histórias para seus alunos? Se sim, com qual periodicidade?

3. Quais metodologias são utilizadas? E como você as utiliza em sala de aula?
() livro () fantoches () objetos () fantasias () outros
Quais outros? _____

4. Como você trabalha leitura com aqueles alunos que ainda não estão na fase inicial da leitura?

5. Você utiliza diferentes gêneros textuais? Se sim, quais?

6. Como é sua rotina em relação a leitura?

7. Na sua opinião em que essa literatura contribui para o processo de aquisição da leitura? _____

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ORAL PARA OS ALUNOS

1. Você gosta de escutar histórias?

2. De quais histórias você lembra?

3. Seus pais ou familiares tem hábito de contar historinhas para você? De qual a que você mais gosta e pede para eles contarem novamente?

4. Quando o professor conta uma historinha na sala de aula você costuma recontá-la para seus amigos e familiares?

5. Sua professora sempre costuma contar histórias na sala? Cite o nome de uma história que sua professora contou e você não esqueceu.

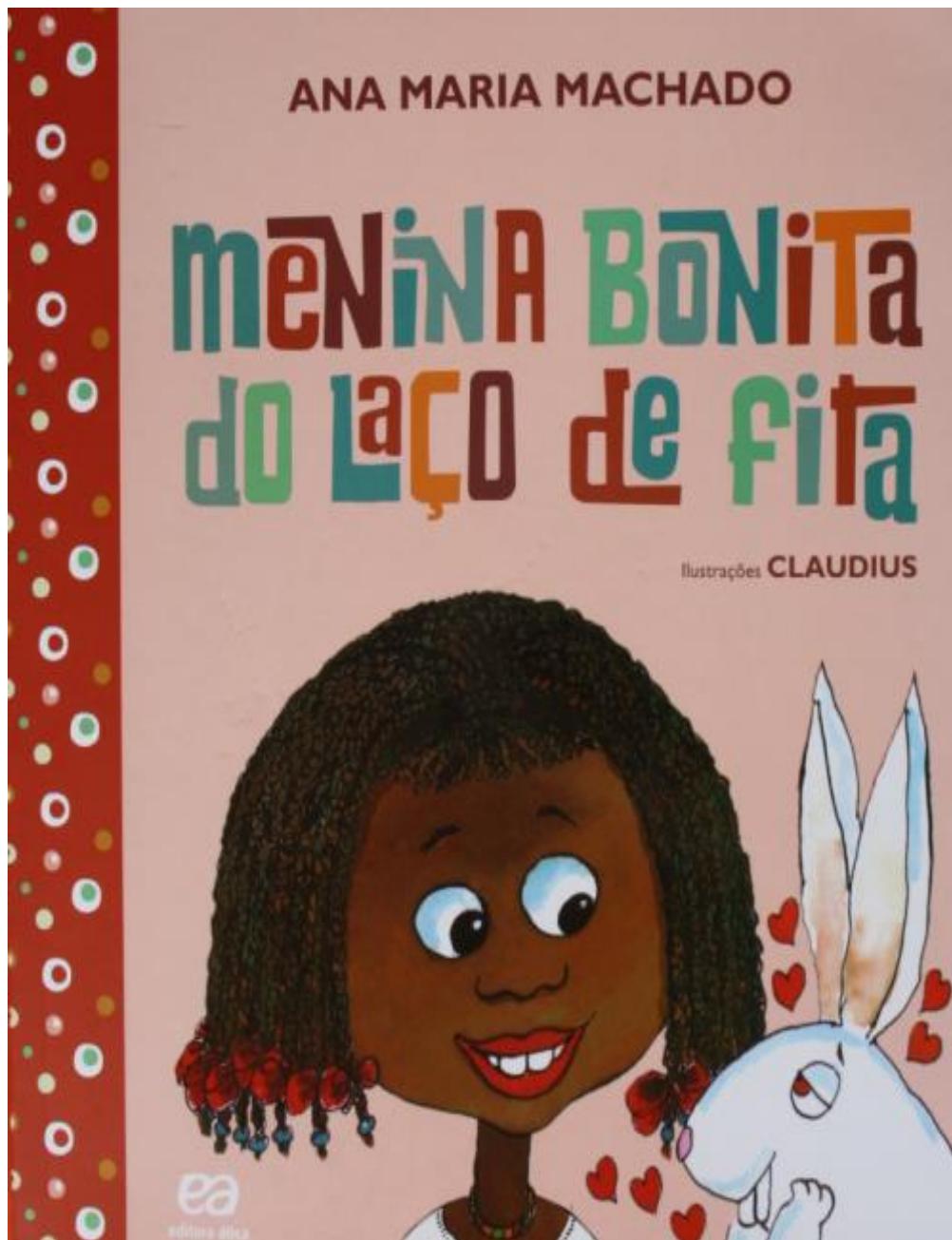
6. Qual tipo (gênero) de historinha que você mais gosta: conto, lenda, parlenda ou fábula?

7. Já contaram uma historinha que você não gostou? Qual você lembra?

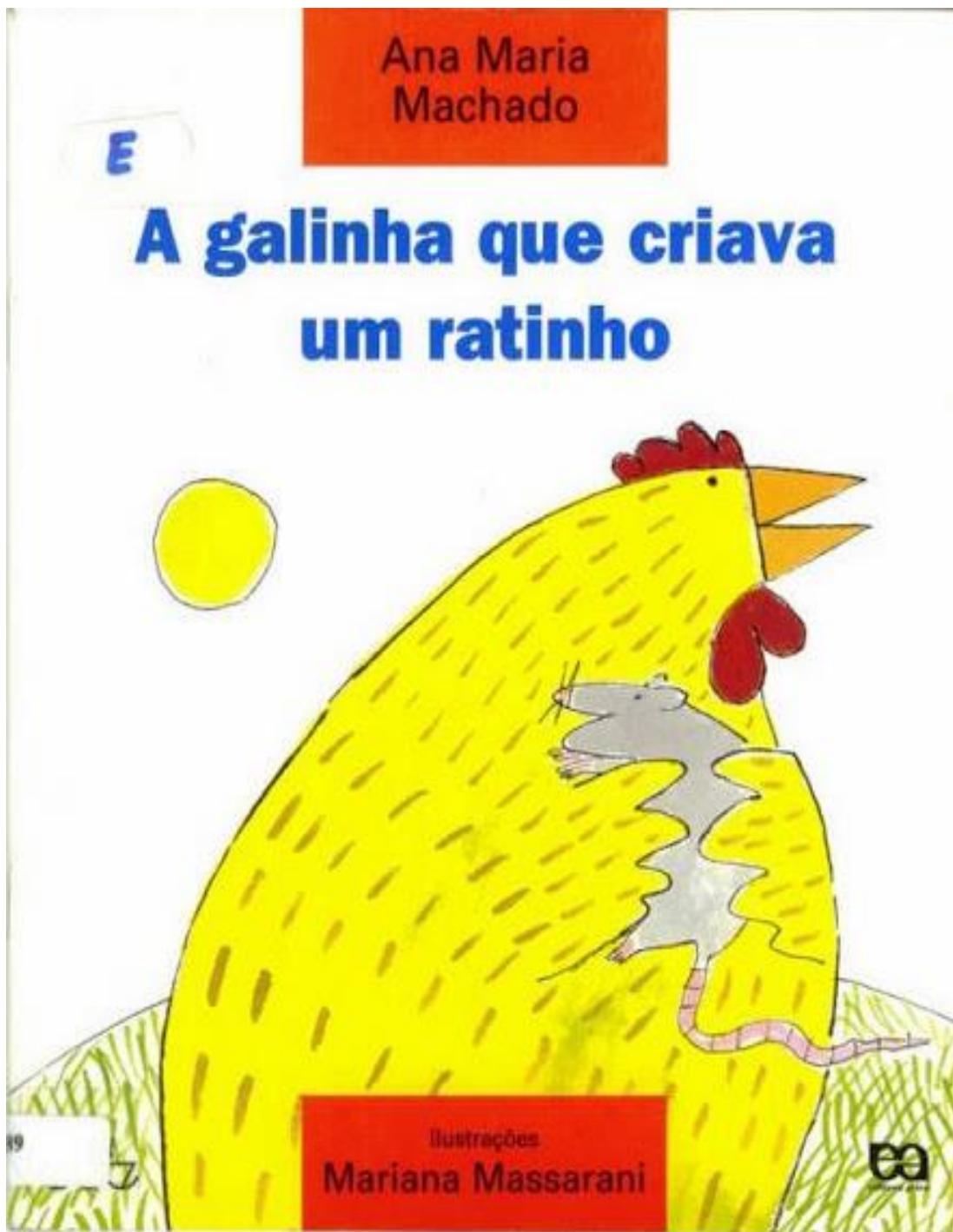
ANEXOS

ANEXO 1 - LIVROS QUE FORAM TRABALHADOS DURANTE A PESQUISA

Autora: Ana Maria Machado



Fonte: Cucadegentemiuda.files.wordpress.com

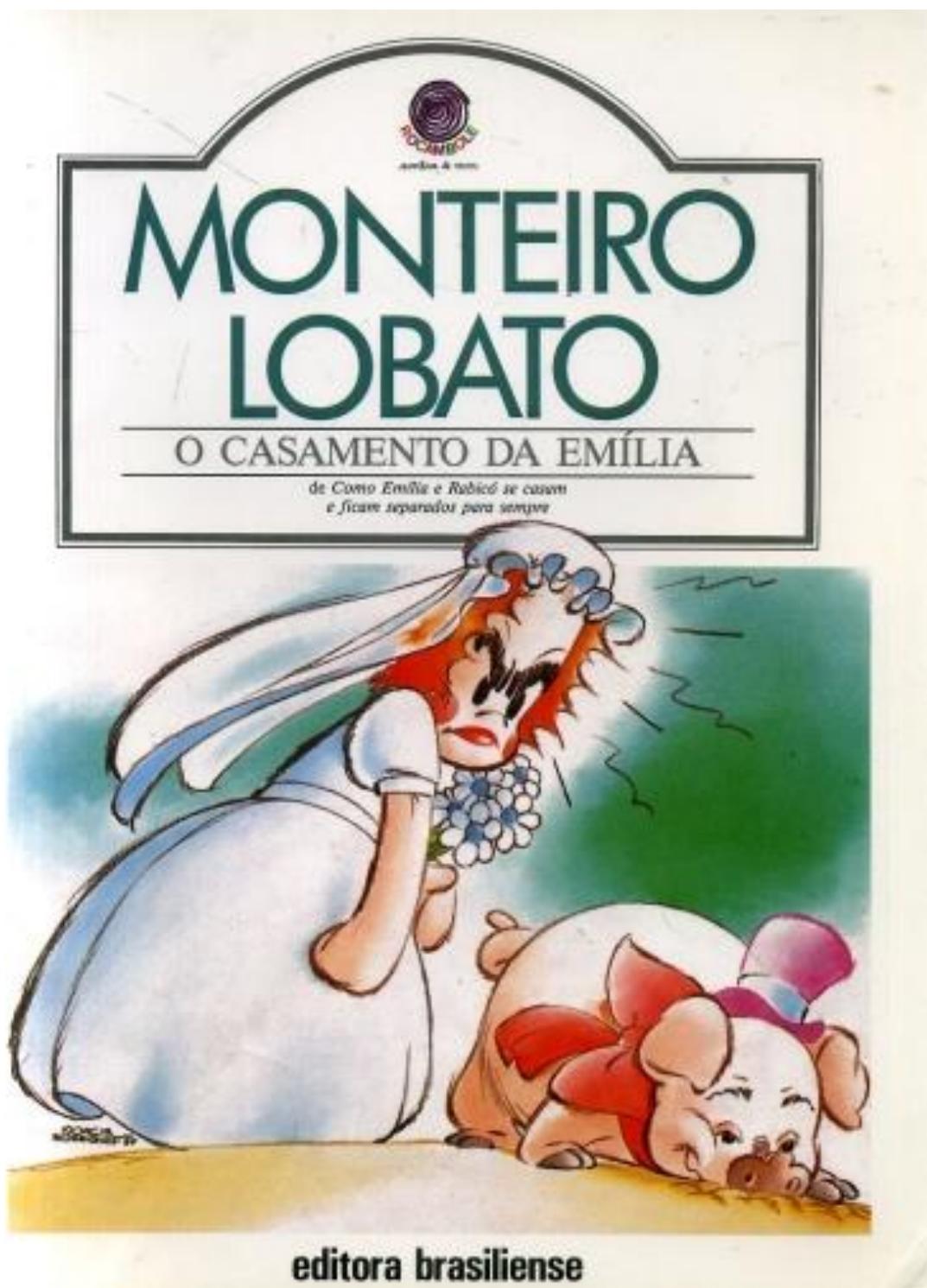


Fonte: Cucadegentemiuda.files.wordpress.com

Autor: Monteiro Lobato



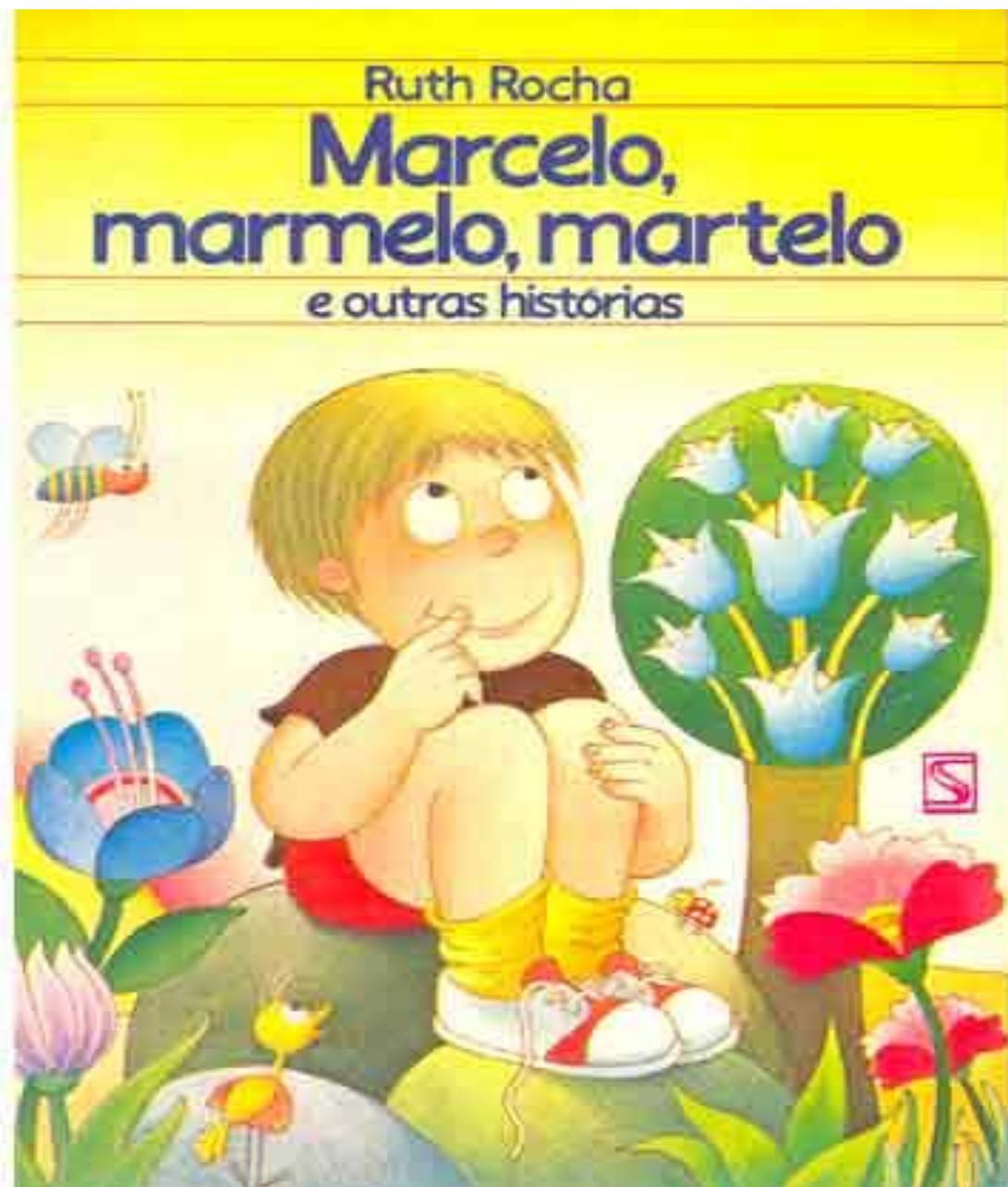
Fonte: <http://produtomercadolivre.com.br/monteiro-lobato-o-saci>



editora brasiliense

Fonte: <http://produtomercadolivre.com.br/monteiro-lobato-o-casamento-da-emilia>

Autora: Ruth Rocha



Fonte:<http://produtomercadolivre.com.br/Ruth-rocha-marcelo-marmelo-martelo>



Fonte:<http://produtomercadolivre.com.br/Ruth-rocha-o-amigo-do-rei>

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA RESPONDIDO

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário para a professora

1. Há quanto tempo você trabalha com alunos na fase inicial da leitura?

2 ANOS

2. Você conta histórias para seus alunos? Se sim, com qual periodicidade?

Sim. AO MENOS 2 VEZES NA SEMANA.

3. Quais metodologias são utilizadas? E como você as utiliza em sala de aula?

livro fantoches objetos fantasias outros

Quais outros? ORALIDADE

4. Como você trabalha leitura com aqueles alunos que ainda não estão na fase inicial da leitura?

ATRAVÉS DA ORALIDADE.

5. Você utiliza diferentes gêneros textuais? Se sim, quais?

Sim. CONVITE, RECEITA.

6. Como é sua rotina em relação a leitura?

TENTO LER 1 LIVRO POR MÊS (ROMANCES / CONTOS)

E FREQUENTEMENTE LEIO INFANTIS (SÓS RÁPIDOS) PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO.

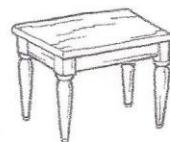
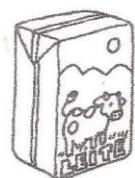
7. Na sua opinião em que essa literatura contribui para o processo de aquisição da leitura?

ALEM DE AMPLIAR MEU REPERTÓRIO DE HISTÓRIAS

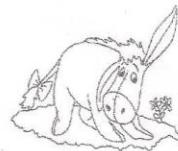
ELA ME DÁ SUBSÍDIOS PARA CONTAR HISTÓRIAS ORAL. EM ESPECIAL OS INFANTIS AJUDAM A PENSAR COMO AS CRIANÇAS ASSIMILAM OS TEXTOS.

**ANEXO 3 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO A
(JOSÉ)**

MARCELO, MARMELO, MARTELO – RUTH ROCHA



MARTELLO L E I T E M E S A



C A C H O R R O M A R C E L O B U R R O



C A D E I R A C O L H E R C A S A

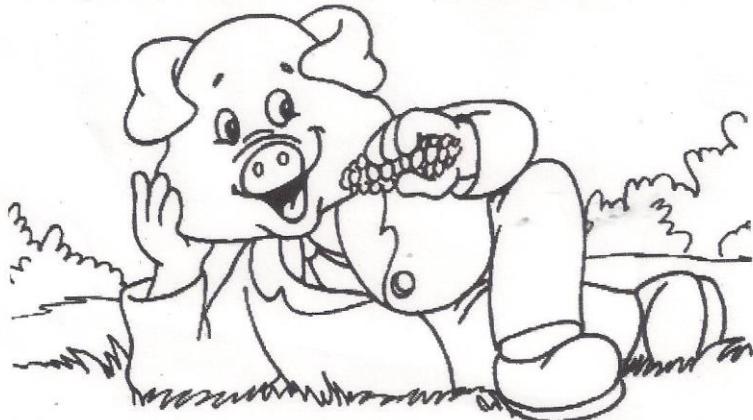
COLHER	LEITE	MARCELO	CADEIRA
CASA	BURRO	CACHORRO	MARTELO
			MESA

**ANEXO 4 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO B
(MARIA)**

VAMOS ACHAR, NO QUADRO DE LETRAS, OS NOMES DOS PERSONAGENS DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO?

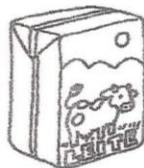
- EMÍLIA
- NARIZINHO
- PEDRINHO
- TIA NASTÁCIA
- DONA BENTA
- RABICÓ
- VISCONDE DE SABUGOSA

N	V	I	S	C	O	N	D	E	E
N	A	S	T	A	C	I	A	D	P
A	U	R	A	B	I	C	O	C	E
B	T	V	R	S	T	A	O	B	D
E	N	R	S	I	Z	I	N	A	R
N	M	E	C	A	Z	I	V	È	I
T	G	I	N	C	I	L	M	I	N
A	U	Ô	L	R	I	M	E	H	H
Q	N	A	R	I	Z	I	N	H	O
S	E	R	E	G	A	À	L	O	P



**ANEXO 5 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO C
(JOÃO)**

MARCELO, MARMELO, MARTELO – RUTH ROCHA



MARTEL**O** L**E**ITE M**E**SA



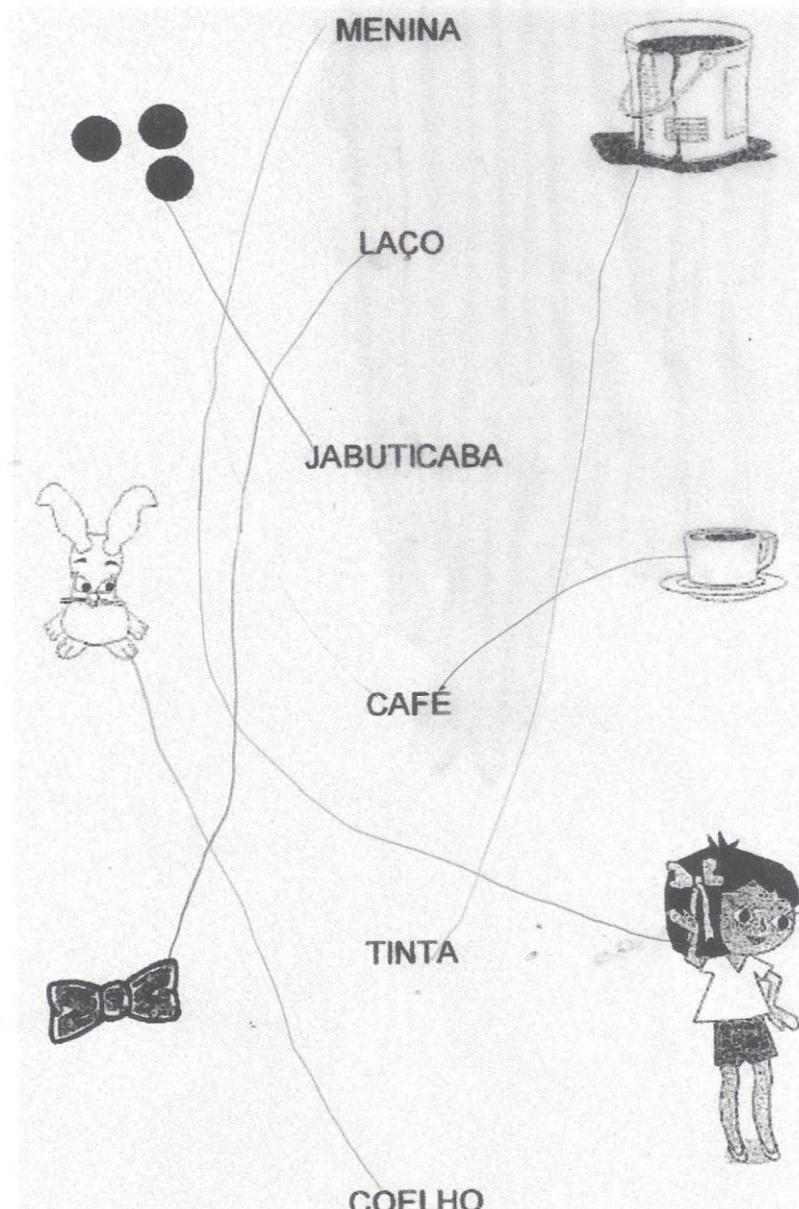
CACHORRO MARCELO BURRO



CADEIRA COLHER CASA

COLHER LEITE MARCELO CADEIRA
CASA BURRO CACHORRO MARTELO MESA

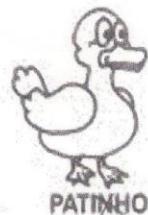
**ANEXO 6 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO D
(PAULO)**



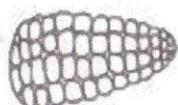
**ANEXO 7 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO E
(MARCOS)**

CAÇA-PALAVRAS DA GALINHA RUIVA

 PROCURE NO CAÇA-PALAVRAS ABAIXO AS PALAVRAS EM DESTAQUE.



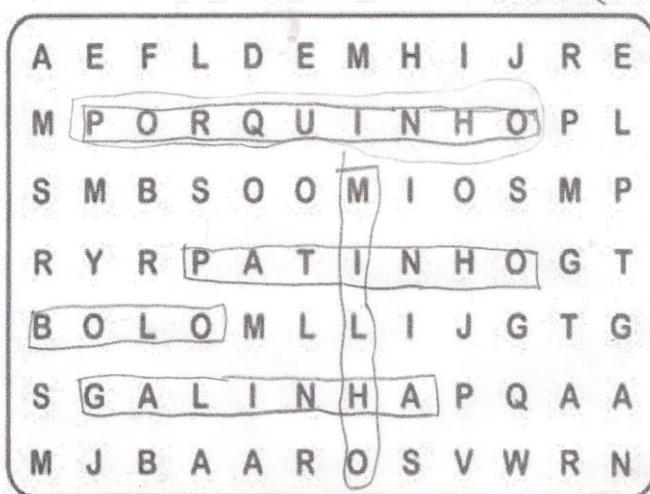
PATINHO



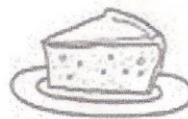
MILHO



PORQUINHO



GALINHA



BOLQ

**ANEXO 8 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO F
(JOANA)**

- CIRCULE O DESENHO CORRETO:

FICA EM FESTA QUANDO ENCONTRA UM AMIGO:

- DESENHE NO RETÂNGULO, VOCÊ È UM AMIGO(A), E ESCREVA SEUS NOMES.

VITORIA DANE

- ENCONTRE NO DIAGRAMA AS PALAVRAS ABAIXO.

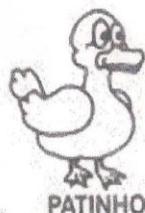
AMIGO – ABRAÇO – ABRIGO – CORAÇÃO – FESTA

B	R	I	M	N	A	M	I	G	O	E	S	T
F	E	S	V	C	R	T	O	F	E	S	T	A
A	B	R	A	Ç	O	N	Q	W	E	R	T	Y
U	I	P	A	C	O	R	A	Ç	Ã	O	G	K
A	B	R	I	G	O	Ç	Ã	O	H	L	Ç	C

**ANEXO 9 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO G
(DIANA)**

CAÇA-PALAVRAS DA GALINHA RUIVA

 PROCURE NO CAÇA-PALAVRAS ABAIXO AS PALAVRAS EM DESTAQUE.



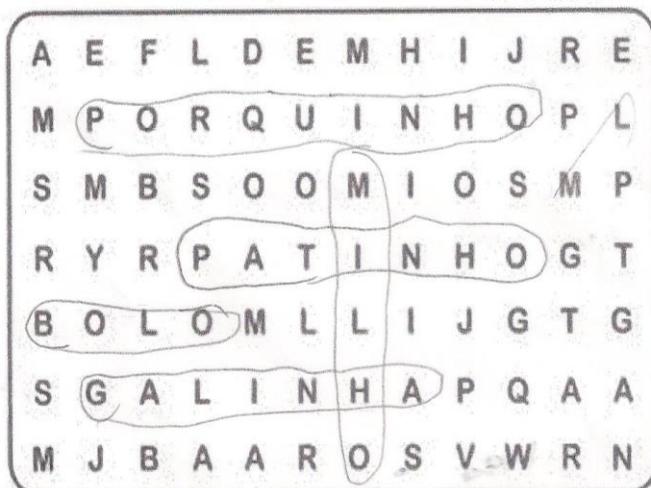
PATINHO



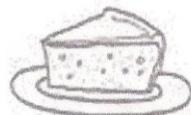
MILHO



PORQUINHO

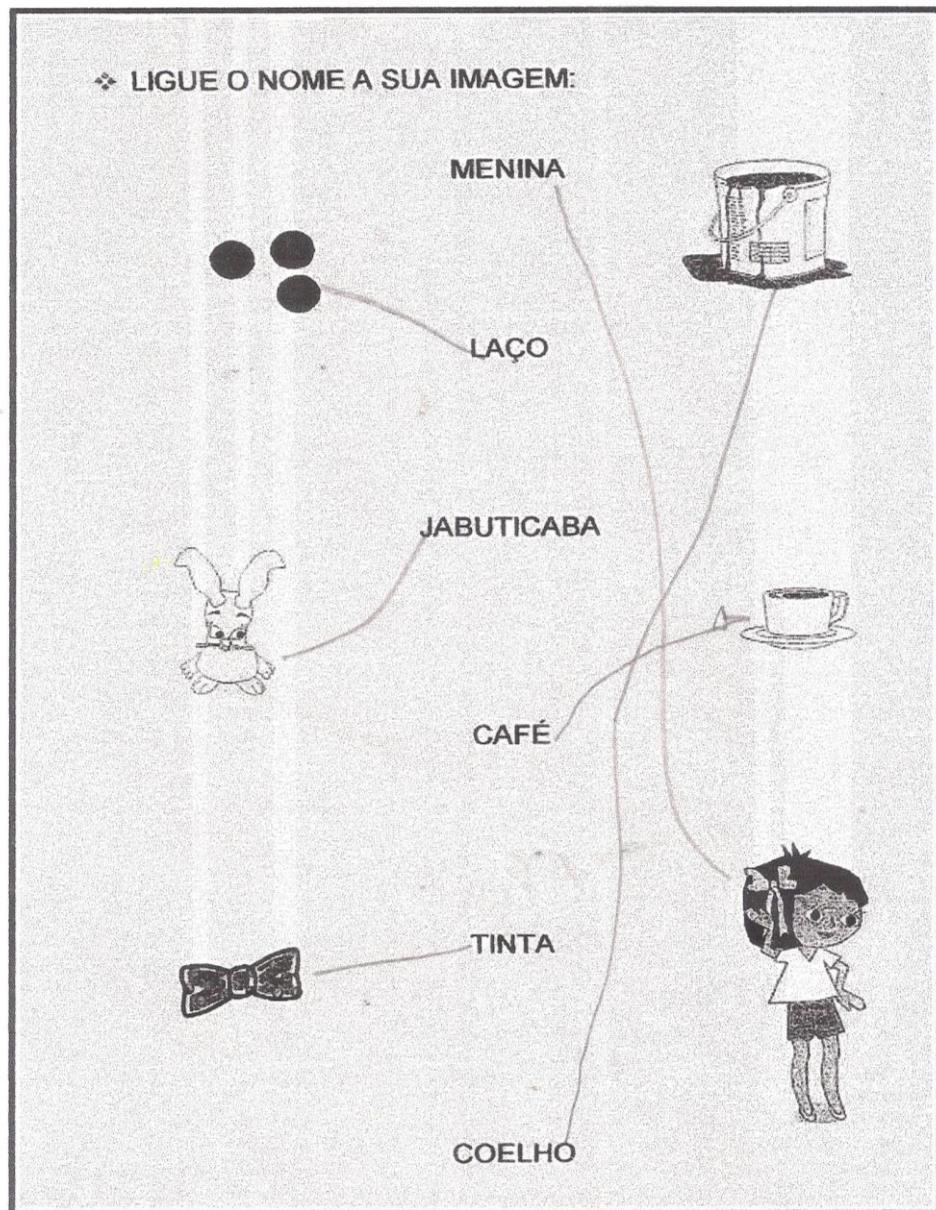


GALINHA



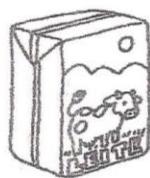
BOLO

**ANEXO 10 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO H
(MURILO)**

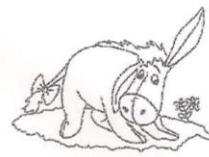


**ANEXO 11 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO I
(LUCAS)**

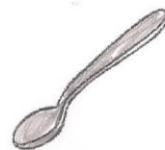
MARCELO, MARMELO, MARTELO – RUTH ROCHA



A C H T O R R O L V E I T E M M A R T E L O



C O L H E R M A R C A D E I R A B U R R O



C A C H O R R O C A C H O R R O C A D E I R A

COLHER	LEITE	MARCELO	CADEIRA
CASA	BURRO	CACHORRO	MARTELO
			MESA

**ANEXO 12 - AMOSTRA DA ATIVIDADE ESCRITA RESPONDIDA PELO ALUNO J
(VANDO)**

